



CAPOEIRA DE ESPINHOS
DÍLSON LAGES



NOVA ALIANÇA
EDITORA

Esta narrativa centra-se no cotidiano de um aposentado que, transmutando-se entre o presente e o passado, leva-nos à sátira sobre situações que agriem a condição humana. A rua e a própria casa do protagonista são os espaços das ações e, mais que eles, os significados instaurados pelo viver em ambientes de limitadas perspectivas sociais e econômicas.

Nas caminhadas pelo lugarejo, em busca de longevidade e de interação, o protagonista Constantino se depara com as fisionomias da injustiça social das pequenas cidades. Inquieta-o a obscuridade quanto ao futuro, ao atraso social, ao fuxico das calçadas, ao mandonismo, à destruição dos recursos naturais, à corrupção, ao egoísmo, à ambição sem limites, ao descaso para com o patrimônio público, à desigualdade de gênero etc. Inquieta-o uma cultura que envenena as relações sociais e se reflete em vícios que se perpetuam no comportamento da comunidade e fragilizam os laços de convivência.

Para além de um retrato social das pequenas cidades brasileiras, para além, pois, da dimensão política que dá sustentação ao texto, Capoeira de Espinhos é novela cujo investimento na linguagem revela-se como traço evidente desde as primeiras linhas. Embora todo o texto circule em torno das instâncias de poder, o que vigora é o liame da preocupação social ao lirismo e à sátira. Vigora um narrador protagonista que busca reinserir-se na paisagem afetiva e, para isso, reage às provocações do espaço, ora com melancolia, ora com revolta, mas principalmente com graça.

As infâncias escritas Soares Furtado
estas palavras que, com sutileza e finissimas,
acompanham o faceto poético dos
pequenos verbos.

CAPOEIRA
DE ESPÍRITOS

com o afeto e a serenidade
de Djalma Bezerra Monteiro
14-12-2018

1870

1871

1872

1873

1874

1875

1876

1877

1878

1879

1880

1881

1882

1883

1884

1885

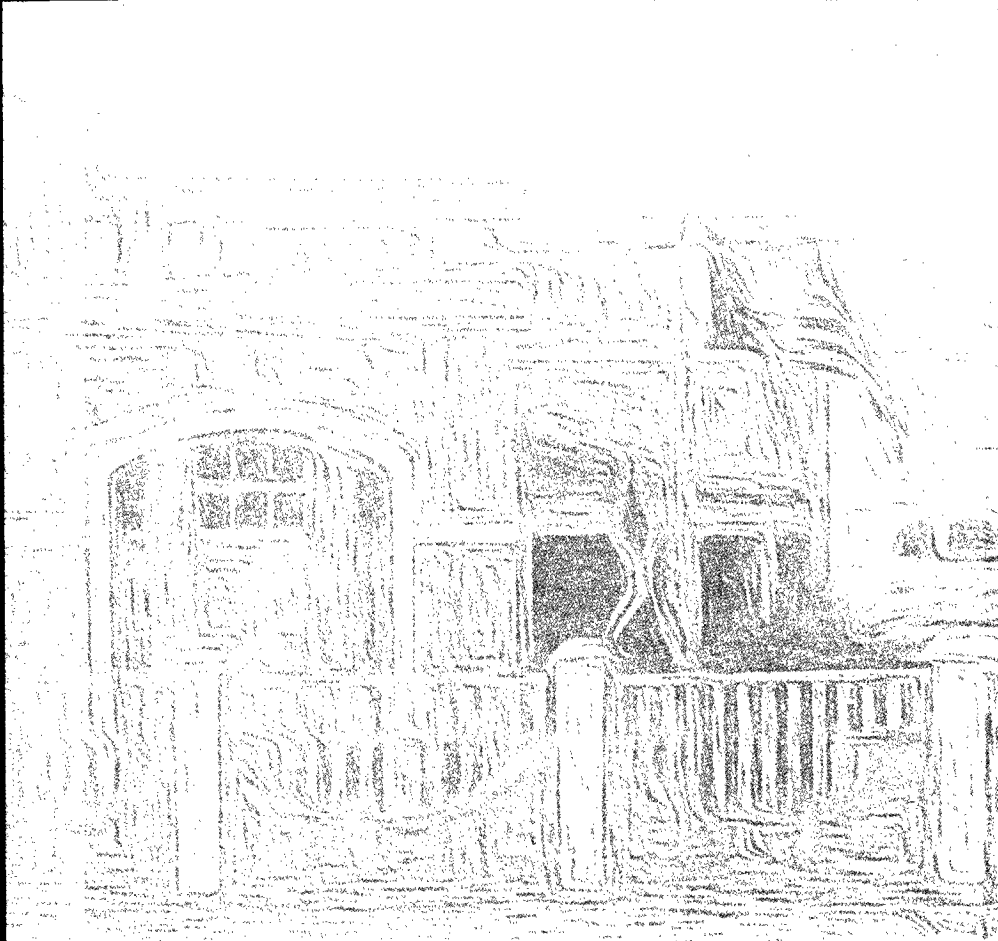
1886

1887

1888

1889

1890



CAPOEIRA DE ESPINHOS
DÍLSON LAGES

CAPOEIRA DE ESPINHOSVIRGEM

© Dílson Lages, 2017 – Nova Aliança Editora

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Leonardo Dias

REVISÃO

Keula Araújo

CAPA | PROJETO GRÁFICO

Jorge Thiago

FOTO CAPA

Dílson Lages Monteiro

CATALOGAÇÃO DE FONTE

Larissa Andrade

IMPRESSÃO

Halley S.A. Gráfica e Editora



FICHA CATALOGRÁFICA

Lages, Dílson.
L.174k Capoeira de Espinhos. / Dílson Lages.
Teresina: Livraria Nova Aliança Editora, 2017.
120p.: il. color.
ISBN 978-85-9538-004-2
1. Literatura Brasileira – Novelas
2. Literatura Piauiense – Novelas
I. Título

CDD: B869.303

Editora Nova Aliança

Rua Olavo Bilac, 1259.

Teresina-PI, 64001-210

086.3221.6793 | 086.3303.1340

www.livrarianovaalianca.com.br

Entrelivros Livraria

Av. Dom Severino, 1045,

Teresina-PI, 64049-370

086.3234.1471 | 086.3303.1786

www.entrelivroslivraria.com.br

Todos os direitos reservados de acordo com a Lei nº 9.610, de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro pode ser fotocopiada, gravada, reproduzida ou armazenada num sistema de recuperação de informação ou transmitida por meio eletrônico, sem o prévio conhecimento do autor e do editor.

1950

1951

1952

1953

1954

1955

1956

1957

1958

1959

1960

1961

1962

[...] As vicissitudes humanas concluem muitas vezes pelo absurdo e pelo aniquilamento dos mais sãos princípios, mas as ideias ficam de pé, e o espírito, abatido, embora, não abdica de si.
Machado de Assis. Diário do Rio de Janeiro, 25.11.1861.

**Nada de violências, nem barbaridades.
Troça e simplesmente troça,
para que tudo caía pelo ridículo.**
Lima Barreto. Careta, Rio de Janeiro, 20.09.1919.

**Não haverá um cansaço
Das coisas,
De todas as coisas
Como das pernas ou de um braço?**

Fernando Pessoa. Dó das estrelas

[...] O menos que o escritor pode fazer, numa época de atrocidades e injustiças como a nossa, é acender a sua lâmpada, fazer luz sobre a realidade do mundo, evitando que sobre ele caia a escuridão, propícia aos ladrões, aos assassinos e aos tiranos. Sim, segurar a lâmpada, a despeito da náusea e do horror. Se não tivermos uma lâmpada elétrica, acendamos o nosso toco de vela ou, em último caso, risquemos fósforos repetidamente, como um sinal que não desertamos nosso posto.

Érico Veríssimo. Solo de Clarineta. Tomo I

100

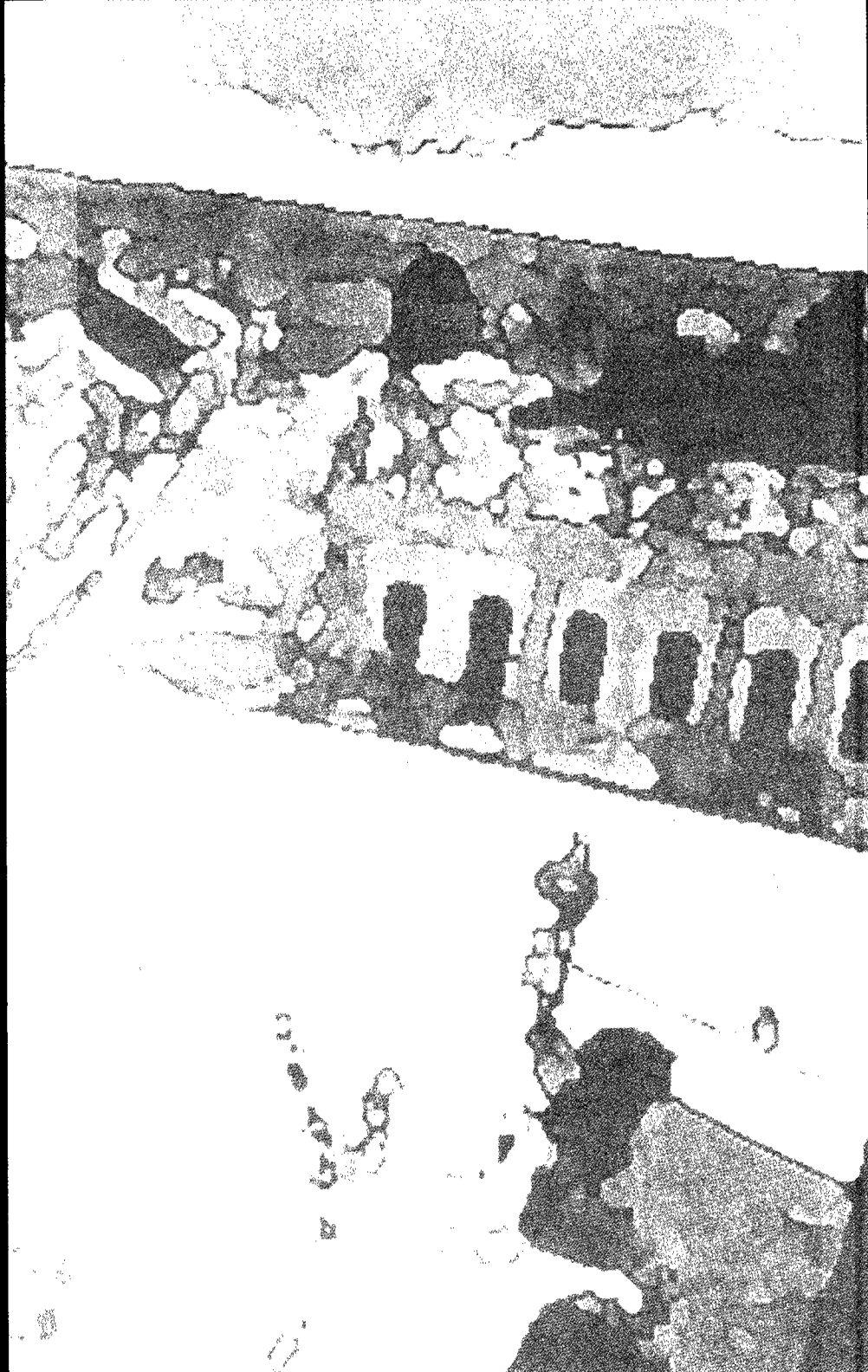
100

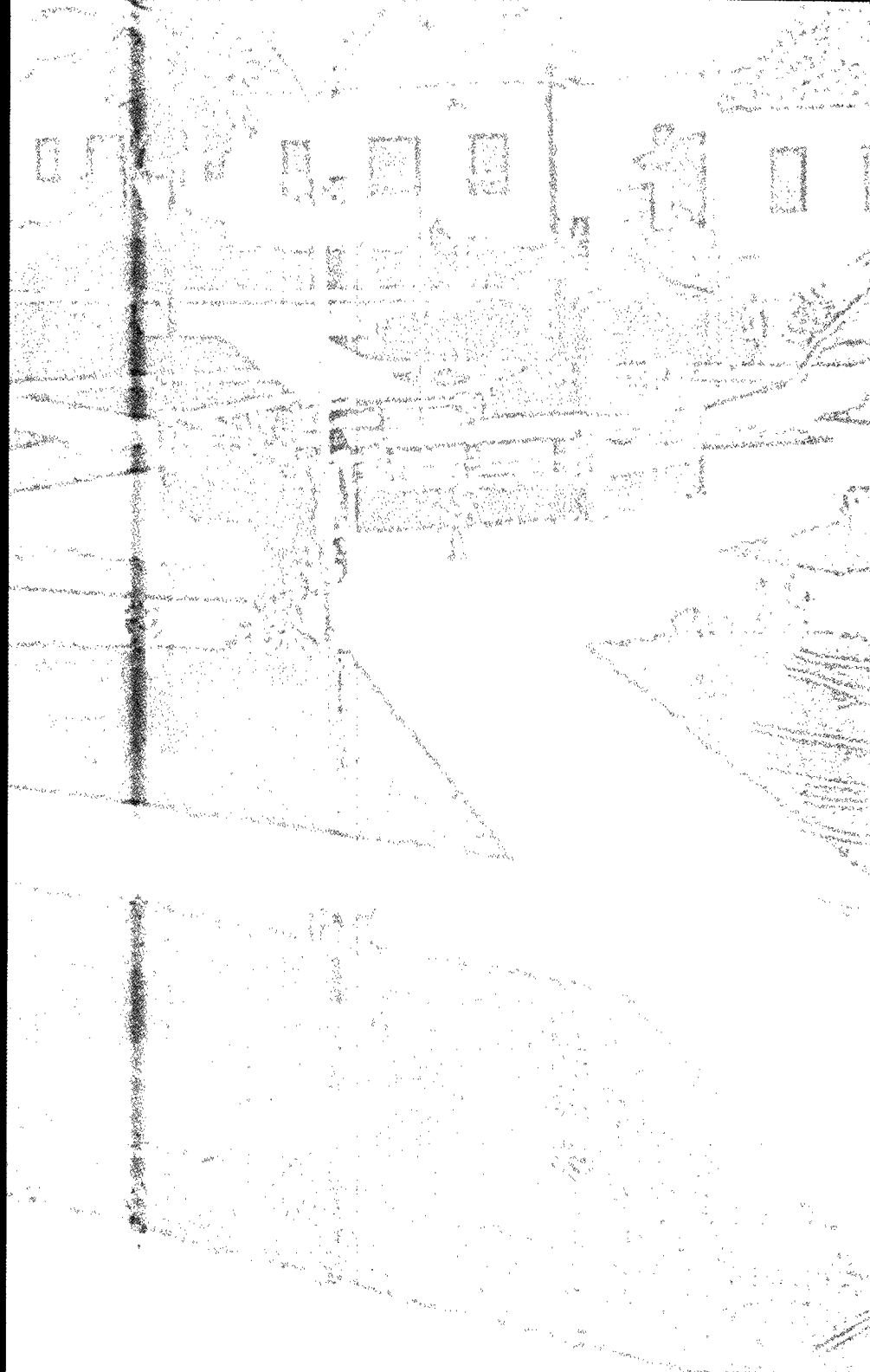
100

SUMÁRIO

A sombra do vento	13
Relógio de corda	17
O brilho dos ponteiros	21
As curvas do tempo	25
A maldade vestida de bela	29
O bater de asas.....	33
O cochieho das calçadas	37
Cuidado, moço!	41
Chico Laranjeira	47
Borra de café	51
A casa desbotada	55
O poder é uma vacaria.....	61
No tempo da Bristol!	65
Olha o vigia!	69
A tesoureira	73
O esgoto, na rua.....	79
Campo minado	85
Interditada	89
Veneno no bolso	93
A casa em reforma	99
A colher do pedreiro	103
Sameirão	109
Urubus	115







A sombra do vento

— OLHA A SOMBRA DO VENTO! — exclamou a criança. Os dentes, esticados de um canto a outro da boca; os pés saltitando no calçamento quente, apontando ao alto: — É papai do céu montado no cavalo, correndo atrás do dragão.

Para quem vive nos porões da lembrança como eu, diversão é sorrir de menino. Ver nele o que se foi um dia: o riso, a tranquilidade e a certeza do amanhã. Lembrar as peladas nos campos de areia, onde a tarde era um relógio sem ponteiros; a travessia do rio, à procura medrosa de algum jacaré ou alguma sucuri, jamais vistos que não mortos ou nos desenhos da imaginação; a rapariga de volta da noite em brasa, cantando, bêbada, a sinfonia alegre e triste do dia nascido.

Quanta viagem olhar para os detalhes de uma paisagem que nunca se apagara de meus neurônios gastos, enquanto se movimentam, impacientes, buscando a luz da memória. O leitor, se velho for, entenderá, tanto como eu, a criança

teimando em ressurgir em cada um dos cantos do mundo em que a mão da curiosidade e da travessura se esconde. Se jovem for, entenderá, nestes cacos de recordações, que viver pesa menos que pena de pavão, caso se olhe para frente sem nenhuma gota de desânimo.

Olhando, olhando para mim em minhas lembranças, arrepio-me, sem resistências, da certeza: fizessem o que fizessem esses entes ocultos que nem merecem nome, eu amaria este lugar. Como se ama o pai. Como se ama a mãe. Como se ama o filho.

No menino que vejo brincar na rua, há um tempo veloz galopando como nuvem. Como sombra. Como vento. Correndo, correndo. E esses meus pensamentos, feito faíscas de céu desgovernado, encompridam meu dia a não ter mais fim.

Observava a naturalidade com a qual o pivete agia, brincando solto pelos becos, livre das explicações dos adultos, quando um amigo de infância se pôs à minha frente; desses que não se sabe mais se vivo ou morto:

— Oxente, é quem eu estou vendo? Para quem se viu moço, reconhecer a fisionomia nem sempre é fácil. Estou diante do Constantino da Rua Grande, né?

— Ariosvaldo, é tu mesmo, cabra? Como me conheceu?

— A mesma inagreza de dar pena. O mesmo caminhar enrijecido. A mesma brancura exagerada. Velho ficou, mas é que os traços de menino continuam vivinhos em tua fisionomia, meu amigo. Os mesmos traços dos tempos felizes.

— Felicidade não tem prazo de validade, não. Digo para qualquer adolescente que me pede conselho: “Felicidade

está nos rios, nos prédios antigos, nas ruas, onde moram as nossas lembranças” — disse, tratando logo de abraçá-lo, resumindo em poucas palavras o que eu pensava: — Felicidade é estar vivo.

— Tu continua menino até na paciência da voz.

— Quem dera! Morando aqui há alguns anos, meu tempo é caminhar no início da manhã ou no fim de tarde. São as leituras que não largo. Aqui e ali, algumas visitas à casa do interior e para espaiar sentindo a natureza. Um dia falarei dessas visitas, quando encontrar motivações; falarei, tim-tim por tim-tim. Só não sei ainda quando — expliquei e, para não me perder em divagações, nem afobamentos, concluí: — Caminhar é o que mais faço. Exercitar-me para chegar aos cem. E você? Depois de tantos anos, suponho que já é avô.

— De um neto só. Ralei muito para fazer carreira na advocacia. A vida da cidade grande roubou-me muito de mim — e nessa vida, resolvi que teria somente um filho. Para educar bem. Por enquanto, também só um neto — ao falar da família, cuidou em propagandear, com sinceridade sentida, o maior orgulho: — Para quem era filho de pescador, para quem se atirou no oco mundo e conseguiu, começando como Office boy, chegar aonde cheguei tenho de me orgulhar. Quando se quer vencer, só não se vence se for burro ou andar por caminhos tortuosos. Andei em linha reta, subindo degraus, um de cada vez. Com calma, humildade e persistência. Aproximei-me de quem faria por mim o que faria aos filhos. Venci. Dentro de todas as adversida-

des possíveis, eu venci. E o amigo? Eu já sabia de sua nova morada. Tive notícias suas por gente de São Paulo que te visitou. Aposentado em Aldeia. Vivendo aqui. Quem diria?

— Antes que me fizesse mais perguntas, indaguei, dizendo: — Com essa alegria que os olhos não escondem, aposto que veio embora de São Paulo.

— Nada! Aqui não tenho mais ninguém. O que sobrou de meus pais se misturou à areia do Pequizeiro. Os irmãos, todos atirados nesse mundo de meu Deus, entre Manaus e Mato Grosso. A história é longa... Em Aldeia, um ou outro parente que a distância vai afastando.

Quis mudar de assunto. Discutir política nacional. Logo desistiu, arrematando o diálogo:

— Vim vender a casa dos velhos. Fechada há quatro anos. Melhor vender do que vê-la caída.

Antecipando-se a qualquer ensaio meu de costurar mais alguns verbos, vendo meu semblante de espanto, tratou de, definitivamente, abreviar-se:

— Talvez nunca mais apareça por este chão. O voo é hoje à noite — afirmou, segurando na firmeza das palavras uma confiança certa. — Uma grande emoção lembrar-me, nessa prosa, de quem fui um dia. Satisfação, depois de tantos anos...

Cumprimentou-me com um breve e frio aperto de mão e sumiu como a sombra do vento.

Relógio de corda

QUANTO TEMPO AINDA TENHO? Chegando aos limites físicos da idade, a gente se pergunta por tantas bobagens... Já não vale mais se inquietar. Para quê? O que vier é lucro. Umaz dores aqui, outras ali, e se vai tolerando, sem queixas nem objetivos, a não ser a lamentação pelo não vivido e o propósito de agradecer mais um dia, mais uma noite; a felicidade de viver.

O danado é que não consigo deixar de me lembrar de cada rotação cumprida. A sombra do ponteiro, projetada para além da pele, além dos ossos. Olhando para meu braço, vejo-a circular em desespero como se quisesse esgotar suas razões. Rodando. Rodando. Só não gira mais rápido que aquela criatura que se dizia entidade e circulava em torno de si, sem parar. Gira assim nesse estado, por horas, em sua alegria única, fabricando no ar fenômenos naturais indefiníveis.

Olhando para o braço, vejo ao lado esquerdo da calçada a criatura passar, em seu vestido vermelho. Espanto-me com o movimento da Pomba Gira, nas ruas de Aldeia Viva,

fabricando vento, segundo explica, a pedido dos espíritos pelos quais chama naquela língua que somente a própria criatura entende. Nunca soube seu nome verdadeiro; nas ruas, chamam-na mesmo de Pomba Gira.

Espanto-me também vendo os traçados e as deformações do lugarejo nas rugas grossas do rosto, que desenham canoas e riachos em minha face velha. Vejo o lugarejo na flacidez das pernas e nos meus cabelos de cores artificiais.

Cá me contaram que toda a má sorte espalhada por aí é de espíritos que não evoluíram e se amontoam nas esquinas, fazendo fuxico. Cada esquina é uma encruzilhada. Tem gente que passa é tempo com agonia sem explicação. Os projetos dando errado no acúmulo de insucessos. E assim uns vão à igreja, outros acendem velas no lugar da morte da milagrosa finada Alda. O ônibus. O cavalo em disparada. O corpo, ao chão. A história dos milagres e a do desastre no dia do casamento contadas infinitas vezes, tudo para revigorar a proteção divina.

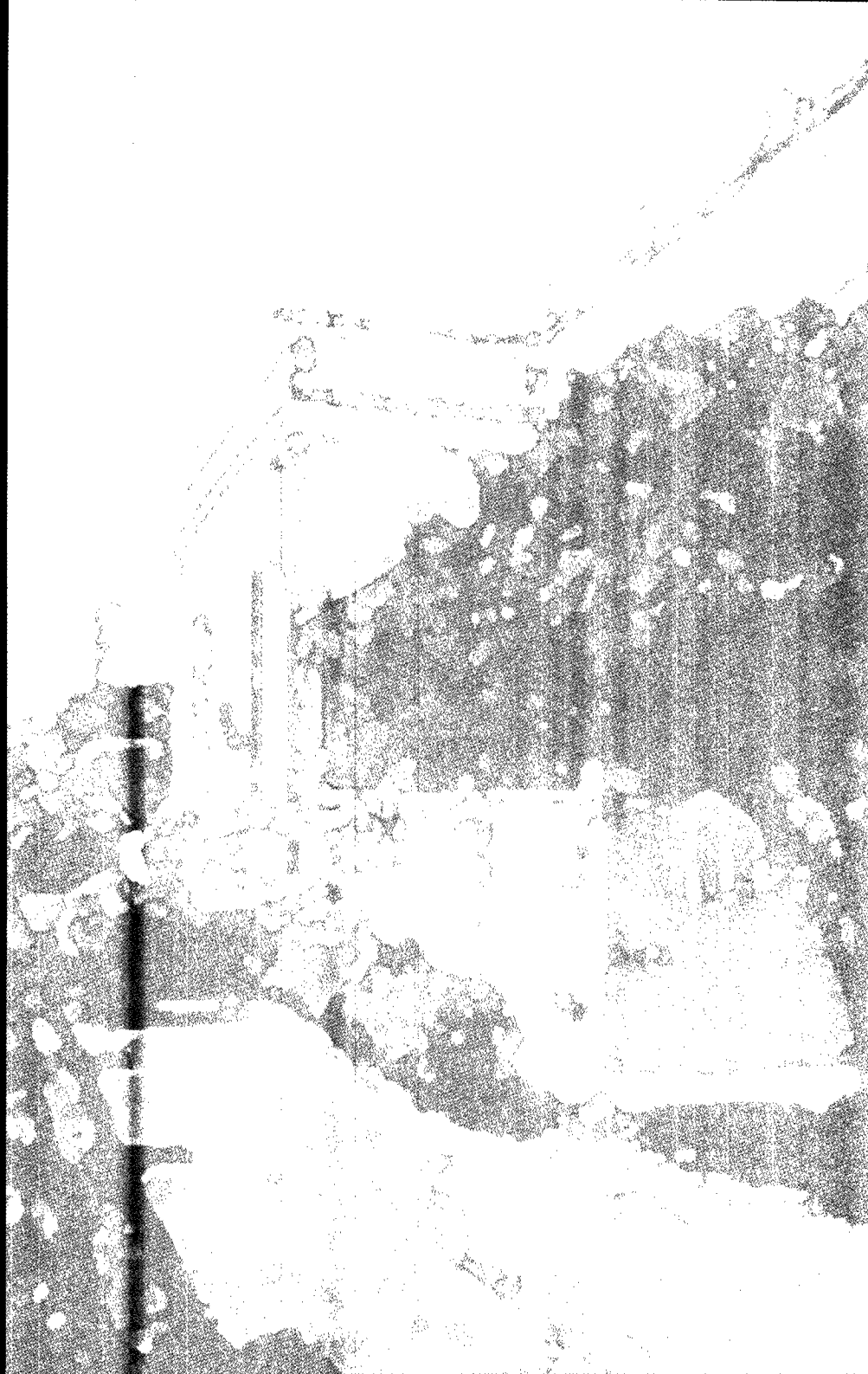
Uns também recorrem aos rezadores e às suas ervas — Arrumadinha entre as mais procuradas — os mais afoitos recorrem às forças que se dizem poderosas e tem é gente que viaja pro Maranhão, buscando proteção para as bandas de Codó. Há quem se contente também em apenas limpar a alma com banho de rio. Acredito com fervor: se não fossem essas águas limpas...

Podem até estar tomadas pelas fossas das casas da beira do rio. Quero acreditar, ainda, limpas. A limpeza, vejo-a em minha lembrança. O rio das lavadeiras em multidão, de pei-

xes em abundância (cada piranha vermelha e preta de dar medo; surubim, nem se fala). O rio dos muçuns que pregavam sustos nos meninos medrosos. A limpeza das águas mora em minha fé. Nem oração tem tanto poder como as águas do rio. Ouvir falar de um macumbeiro poderoso no Barro Branco... Mas acho que nem ele. Só mesmo alguém da banda de Codó. Cruz-credo, deixa eu me calar!

O rio, tomado de lixo e capim, de fossas e esgotos, de sujeira e aguapés, perdeu o encanto rural. Depois do dia de trabalho, nele se renovavam as forças. Foi-se toda aquela gente, à margem, em banhos e folia, em passeios e pescarias. Foi-se o domingo, dia de banho no rio. Via-se nele a alma de uma cidade. A alma e o pulmão. Fosse inverno ou verão, as águas, ou turbulentas ou tranquilas, traziam o vento que embalava minhas esperanças. Amava o rio com paixão e devotamento.

Hoje teimo em querê-lo limpo — é como o jarro na estante. Empoeirado como o rio. Quase ninguém se importa com os coitados. De tanta poeira o objeto encardiu e o rio... Sumiram os pescadores. Pescar o quê? Ficaram alguns poucos desavisados, que na ousadia do banho ainda mergulham fundo na tristeza que se tornaram essas águas. Insisto em querer nele as águas espelhando as tardes e minhas esperanças. Tólice!



O brilho dos ponteiros

COMO IA DIZENDO antes de todo esse lapso, não consigo deixar de ver a sombra do ponteiro em meu relógio. Vejo-a como uma grande conselheira. Foi cúmplice de todos os meus anos. Vivendo eu aqui, vivendo eu longe daqui. Em qualquer lugar. Em qualquer ocasião. Lá ela estava — dizendo as consequências do mundo em seu jeito calado de antecipar os fatos. Ela, a hora, a reflexão. Era ou não para acreditar?

Faz algumas semanas, o relojoeiro da Rua São José me disse que nunca viu artefato tão novo e conservado como esse meu objeto de estimação. E a curiosidade voltou à carga:

— Qual o segredo, Constantino, para o brilho quase original de tanta peça apontando a hora com tão grande precisão?

— É minha esperança, Virgulino! — disse com voz vibrante, que até senti os ponteiros balançarem na caixa de aço. — Olho para o relógio como olho para o céu.

— Esperança aqui é bolha de sabão — completou o raciocínio em riso contido, escondendo no íntimo as desilusões que o mundo dos homens de Aldeia impusera para si.

A família quase toda se atirara no mundo em busca de serviço. Ficassem os filhos naquele chão, ir-se-iam aventurar em alguma profissão de ganhos incertos ou mendigar na porta dos políticos — os mesmos de quase sempre. Deles, ou de sua parentela — esposa, filho, primos, sogro e até os cachorros e as galinhas. Quando eles já estavam bichados como goiaba chupada por inseto, os prepostos os sucediam, anunciando-se pobres de maré, maré, desde as origens em casinha de chão batido, bebendo água na cabaça; os pobrezinhos, cuja humildade franciscana a Receita Federal não conseguiria explicar. Ou melhor, conseguiria. Para eles, a cidade ia muito bem. Cachaça e festa. Uísque, uísque e uma boa dose de pinga. De preferência, acolhidos pelos braços de uma grande rede avarandada e de longe todo besta avistava a cara de preguiça.

Os filhos do Virgulino, todos para São Paulo. Por lá, multiplicaram-se na sucessão da prole e, envelhecido, o relojoeiro desconhecia o sentimento de ser avô de verdade. De afagar os netos, de ensinar a eles o que todo avô gostaria de ensinar. De falar dos antigos e de ver nas crianças a extensão de si mesmo, em seus sonhos e esperanças.

— Constantino, eu nem posso ser avô! Meus filhos não voltam mais.

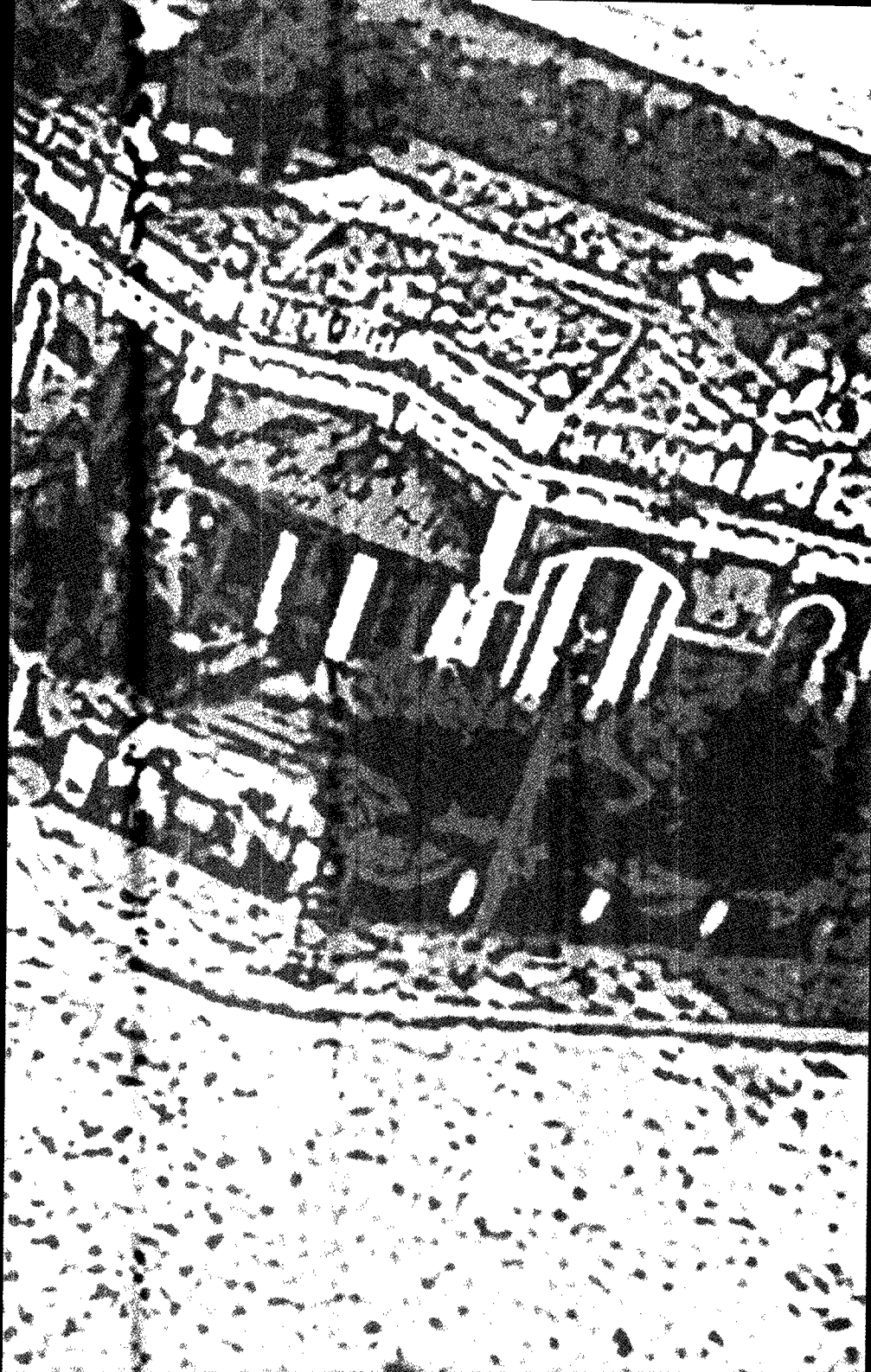
— Mas vamos acreditar que um dia isso muda. Enquanto meu relógio brilhar e eu puder olhar o céu, acredito. Se eu não acreditar que ainda tem gente bem intencionada no mundo, desacreditarei em mim — remendei a fala do relojoeiro que me devolveia o relógio, afirmando, como já dissera noutras oportunidades, que eu tinha uma peça rara.

Virgulino conhecia em profundidade o ofício. Nasceu no fundo de uma famosa casa-grande de Aldeia. O pai, todos os dias, carregava água de poço, para encher os potes do patrão ainda na madrugada, antes de tirar leite para o consumo da casa, no curral que ficava ao lado do quarto de sua própria casinha de pau-a-pique.

Tinha orgulho de seu ofício de verdade: carroceiro. Na cidade, entendeu melhor o sentido da vida em comunidade. Entendeu que, colocando os filhos para estudar, daria uma vida melhor para toda a família. A rapaziada do antigo patrão já abandonara por inteiro a fazenda. O negócio era estudar. Continuava carroceiro. Nem porque vivia carregando material de construção ou juntando entulho, deixava que injetassem nele a amargura e o rancor. Um dia, um simples cumpridor de ordens; hoje, carroceiro feliz. Nem inferior, nem superior. Batia no peito com orgulho para dizer:

— Xô, complexado! Xô, recalcado!

Invejar a fortuna ou sucesso alheio, para quê? A própria história, com ou sem sofrimento (e quem não passa por provações?), era suficiente para si. Naquelas bandas, o que mais se via na boca das raposas velhas da política era a inveja contra quem tinha algum recurso. Se viesse do suor e não da malandragem, aí é que o complexo minava, desqualificando o trabalhador. Eu mesmo já abusei de ouvir esse tra-la-lá, de que os bem-nascidos ou os especuladores querem é a desgraça dos sem fortuna. Haveria serviço sem eles? Bem sei como alguns falantes ricos de hoje, que não trabalharam para juntar o que têm, ainda se dizendo pobres, pobres, conseguiram suas posses...



As curvas do tempo

QUANDO O CARROCEIRO deixou a fazenda, partiu acreditando na conversa de um cunhado: “Na cidade, tem oportunidade pra trabalhar não apenas para uma pessoa”. Iria sair do mato — e foi o que fez. Pra tudo, Deus dá um jeito. O cunhado já assentado nas Pedrinhas, uma comunidade que crescia e logo seria bairro, recebeu-o. Ele viveu por semanas tomado de euforia: os filhos menores iam estudar, como já esclareci ao leitor.

Tratou logo de arrumar profissão para cada um dos que já eram homens de barba. Tendo profissão, o resto se arranjava. Virgulino, o mais velho, foi para a relojoaria do velho Pedro Oriente, que se alegrou com a chegada do curioso aprendiz. Haveria, antes de bater as botas, alguém para repassar todas as lições aprendidas sozinho, à luz do silêncio, olhando a fundo as curvas do tempo.

Paciente e detalhista, o rapaz aprendeu logo a desmontar, limpar e lubrificar relógio de toda marca; fosse antigo, de bolso ou de parede. A esposa, que admirava tanto o homem traba-

lhador que era, contou-me em tarde de céu em arco-íris, com a emoção nas palmas da mão, toda a história de luta do marido.

Vendo a luz do entusiasmo imorredouro cercado-o, recordei do que ela me relatou, quando ele me disse não se arrepender de nada na vida. Já beirando os setenta, ainda se orgulhava da profissão que animava seus derradeiros dias. Nas últimas décadas, os relógios de pulso se tornaram praticamente descartáveis. Baratos e à pilha; desmantelados, comprava-se outro.

— Quem me procura hoje, se não for pra trocar a bateria, é gente velha. A mocidade não quer conservar relógio, não. Compra logo um novo. Restaurar, pra quê? Minha sorte é que as pessoas antigas gostam de recuperar seus relógios, tratados com sentimento — desabafou-me Virgulino, de olho arregalado em meu braço. — Relógio de corda, então, relíquia, relíquia! — finalizou, expressando nos olhos todo o sentimento pela profissão, ao elogiar a forma como eu tratava o objeto sobre minha pele ressecada.

Concentrei-me no pequeno e abafado quarto de trabalho do relojoeiro. Sentado em silêncio, ele respirava vagarosa, vagarosamente a luz quente da sala. De óculos na ponta do nariz, desmontava, sem tremer, peça a peça seu próprio relógio, lamentado a quase ausência de clientes. A relojoaria, para sobreviver, vendia relógios digitais modernos e acessórios telefônicos. O dono do ponto, do minúsculo ponto, jamais dispensaria aluguel. Fiel aos compromissos, a solução encontrada permitia a sobrevida no negócio, até quando a idade e Deus quisessem...

Se até eu vivia olhando as horas no celular, jovem lá ia querer penduricalho no pulso ou consertar coisa usada?... Tirava o celular do bolso para conferir a hora ou comprava logo um novo relógio e da moda e pronto. Por isso, consertando relógio, Virgulino ganhava uma mixaria. Ainda que amasse a profissão e suas recompensas...

Se o leitor guarda algum objeto estimado como se gente fosse, sabe o que ele representa. Não abro mão de minha relíquia por nenhuma promessa moderna. Aproveitei meus pensamentos para conferir se ela funcionava cem por cento. Funcionava. A sombra dos ponteiros se espalhava para além das voltas circulares em ritmo forte e calculado. Como não crer que essa sombra-chama valia mais que minha própria esperança? Mais que o tempo e minhas dúvidas ou certezas?



A maldade vestida de bela

MUITAS VEZES, pensei que um dia essa chama se apagaria... Hoje, continuo friccionando o botão de ferro, girando-o em sentido anti-horário. Em muitas ocasiões de adversidades, supus-me livre dessa sombra-companheira. Ela habitara não somente o trânsito da Capital Federal, as salas do congresso ou da universidade, o tédio do apartamento na cidade de funcionários. Agora se confunde com tudo nessa Aldeia. Confunde-se até com os fragmentos de duas décadas de caminhadas entre ruas empoeiradas e as deformações do dinheiro fácil de uma minoria sorridente e esnobe. Ah, Aldeia Viva!

Recordei-me das antigas lições da infância ontem. Disseram-me no mercado que até a maldade poderia ser bela. Ela tinha sido vista na barragem da Boa Vista chamando um pescador para tomar banho. Corpo sinuoso, pernas torneadas, nem um pinguinho de barriga; mergulhava n'água, mandava beijo, com olhos grandes e negros, parecidos com os de olhos no cio. O pescador mergulhou,

abriu os olhos no fundo e não voltou mais. Nunca acharam o corpo. Mandaram benzer o lugar. Pomba Gira bebeu um litro de Mangueira e dançou no canto do desaparecimento uma semana. Nada.

Quando algum mentiroso vem com história, pode ser até essa sombra conselheira, que também tem seu lado obscuro e manipulador, penso nesse caso. O caso dessa maldade vestida de bela. Quem dissesse que o mal é bonito só podia era estar com o cão no corpo. Nessa psicologia, só acredita o trouxa — o desinformado ou quem não resiste a um presente ou a um elogio. Conheço um senhor aqui que de tanto ouvir elogio falso — ele até paga para ouvir — inchou, inchou e hoje parece mais com cururu banhado de sal que com gente.

A sombra está aqui. Conversa comigo. Olho para ela, que se projeta presa ao meu braço. Seu corpo corre incansável para alcançar as fronteiras do círculo de aço. Diz-me que valeu a pena. Diz-me que não pode parar — a humanidade precisa dela (há muito a ser feito em todo canto, a toda hora). Não dá para parar.

Fixo minha atenção em seus movimentos — os mesmos de quarenta anos, quando recebi de presente o brilhoso objeto dourado do bolso de papai, antes de ir para o sonho e a incerteza da cidade grande. Os mesmos, desde que eu desse corda todos os dias. É o que faço enquanto me pergunto: “Quanto tempo ainda tenho?”

Nessas caminhadas diárias pela Aldeia, em busca de ar e de mais dias, nem consigo dizer o que significa exa-

tamente o tempo, nem o lugar em que vivo. Aldeia Viva virou um fragmento, memória de velho. Uma lembrança. Aldeia Viva não é mais Aldeia Viva. Em que diacho os canalhas transformaram este lugar?



O bater de asas

AZUL, AZUL, O CÉU, LIMPO DE NUVENS, era das andorinhas. O dia se encurvava, segurando os pontos de luz no horizonte de pássaros e infinito. O dia resistindo, antes de a escuridão despencar, absoluta, na cidade mal iluminada. Resistiam os últimos fios da claridade, atirando-se contra a camada pardacenta de sombras, que ia declinando, sossegadamente, sob a atmosfera.

Ali, do banco de concreto, ainda morno de sol, esperei alguma ave espatifar-se no chão, a se debater — antes se espatifar em alguma parede, asas soltas, ritmadas, entre o firmamento e as casas, cumprindo a missão de voar, até morrer na espingarda do padre! Esperei alguma ave espatifar-se: penas espalhando-se pelo calçamento como os figos à frente da velha indústria. Figos e penas por toda a superfície da vista; cheiro de ferrugem e matéria orgânica apodrecida. Cheiro de couro velho, de folhas secas amontoadas.

Esperei, esperei, sem piscar, vidrado no sem número de bichinhos preto-azulados em invasão ao teto do auditório, da

igreja, da prefeitura, ou se espremendo para pousar na rede elétrica. Esperei, mas nenhuma pena caiu do céu. Nenhuma barreira passava sem o desvio rápido do voo. A perícia dos bichos ondulava-se nos olhos, formava extensa onda de sons e malabarismo. A onda vibrava a paisagem e, se não rebentava a indiferença da rua, irritava pela continua mesmice de movimentos e ruídos.

Os mesmos movimentos, os mesmos sons, tão presentes quanto a Ave Maria em latim arrastando-se nos degraus do templo, para gerar a noite na amplificadora da casa santa. Os mesmos movimentos, os mesmos sons, porém, mais arrepiantes que a oração cantada.

Movimentos e sons da natureza, de bichos sem destinos, livres; ao contrário do rapaz, parado, mais parado que a própria cidade, morta de oportunidades e viva de vícios: o corpo dobrado como se fosse parte do banco de praça, as mãos presas num presente de interrogações e de muros invisíveis, que sem percebermos, moviam-se de um lado para outro, sem dar chances para o deslocamento de qualquer jovem, de qualquer adulto. Sem dar chances para quem não se entregasse às normas e ao sádico prazer das arapucas criadas em nome da multiplicação dos pães. Haveria como não sorrir?

Escurecia. Invisíveis, os mesmos muros, na visão disforme da noite. Invisíveis também as mesmas ruas antigas no semblante vazio de suas esquinas de conflitos, amores e esquecimentos. Esquinas onde o disse-me-disse ganhava a boca do povo como fogo de roça, onde os paralelepípedos

criavam estórias, logo apagadas em novas conversas, nas rodas que se formavam em lugares conhecidos por todos.

À minha frente, de blusa rasgada ao ombro, o vigia Berilo me observava. E logo me falou:

— O siô me desculpe, mas tá precisando de alguma coisa? Vi que se sentou aí já pra mais de uma hora. Não tem problema de pressão, nem diabete, né?

— Não, seu Berilo, é só uma paradinha para passar o tempo. Muito obrigado pela atenção — respondi, tratando de me levantar imediatamente. — Muito obrigado ao senhor pela atenção.

— Olhe ali o siô Crisóstomo — destacou o homem, justificando apressadamente a curiosidade: — Coragem danada, vem com um tatu amarrado na sela da bicicleta, o sangue pingando sobre o ferro. Muita coragem.

— É necessidade, com certeza.

— Já cacei muito, siô Constatino. A gente passava a noite nas servas, tomava chegada e vinha com o jacá cheio de carne. O mínimo que eu trazia pra casa era um mambira. A gente não voltava sem caça, não. Só se fosse ruim de pontaria. Minha espingarda, ainda guardo de lembrança. Cansei de trazer pra panela cuandu, tatu, cutia, mambira, jacu e veado. Só não digo que cacei onça, porque o senhor vai me chamar de mentiroso. Mas as caças sumiram. Caçaram tanto que sumiu tudo. E se inventou de proibir as caçadas e prender pobre que caça.

— E o senhor não acha que proibir é para proteger o que ainda resta?

— Que protegessem, mas deixassem também o pobre caçar.

— Seu Berilo, onde o senhor acha que ainda se caça nessa Aldeia?

— Sei não, siô. O corajoso nessas bandas mesmo é o Crisóstomo. Aqui não se caça mais nem gente ruim. Só se for pobre e preto como eu. Mas deixa eu me calar, se não me botam pra fora do serviço.

A imagem de Crisóstomo com garrucha presa às costas me ficou até que eu olhasse novamente para o céu. Os pássaros se espalhavam. A rede elétrica se esvaziava e os tetos voltavam a acolher apenas o silêncio do vento morto. Até o vento já não soprava seu bafo frio, depois que Pomba Gira sumiu misteriosamente. Ninguém se lembrava mais dela. Se fosse coisa pra levar vantagem, tinha-se posto o nome dele até em escola. Pelo menos iam ler seu nome, ainda que não se desse a isso importância alguma. O que diabo é um nome, ou a história dele, aqui? O que vale mesmo é carro, casa e cara. Fora disso, para muita gente, nem Deus.

O cochicho das calçadas

TOMO O MEU CAMINHO — eu ou o rapaz? Tomo o meu caminho na rua de casas geminadas, que cochicham, cochicham, curiosas para saber o que trago na mão esquerda. Naquela hora, previsível que fossem pães numa sacola de pano. Apresso-me para pular muros invisíveis, desenhados nos rostos que defino bem, nos rostos de sempre. O que perguntam as caras crescidas, estampadas em minha sacola de pano? Seguem-me as andorinhas na memória de cada salto — um barulho que ainda regurgita o bater de asas.

Escurece. Eu, Constantino, esqueci, desde que assinei o pedido de aposentadoria, as cores das salas da faculdade e dos corredores de Brasília, onde ensinei o ofício da palavra e escrevi muitas histórias na velha Remington de uma das frenéticas salas do congresso. Fito a parede descascada do sobrado róseo. Nenhuma andorinha; os fios, tesos de lembranças.

Há quarenta e sete anos, era rapaz, estava ali, esperando alguma andorinha sobreviver ao voo ou à espingarda do padre tangendo o destino dos bichos. Faz cinco anos, resolvi

reencontrar-me com os sonhos de nunca ter partido; retornara para o cantinho em que minhas pálpebras sentiram originalmente o vento da luz. Ser feliz nos anos que ainda sobram, e o que encontrei? Que lugar para se viver!

A imagem de Crisóstomo martelava-me as ideias. Crisóstomo, com tatu preso à garupa da Monark, o sangue pingando sobre o ferro. A imagem me trouxe a lembrança de um caçador já há muito esquecido pela região de Aldeia, ainda que a história tivesse guardado o retrato que fez, em palavras, do mundo rural de seu tempo.

O nome dele enfeitava escolas e ficou entre nós como poeta. O poeta que descobri nos arquivos da Biblioteca Nacional, durante curso no Rio de Janeiro, em 1970. Que surpresa encontrá-lo no meio de papéis velhos tão longe do lugar em que nasceu. Ali descobri, em jornal datado de 1871, o poema que permanecia atual e traduzia o sentimento de uma coletividade, o meu sentimento sobre Aldeia. O poema do qual, de tanto ler, guardei de memória alguns versos:

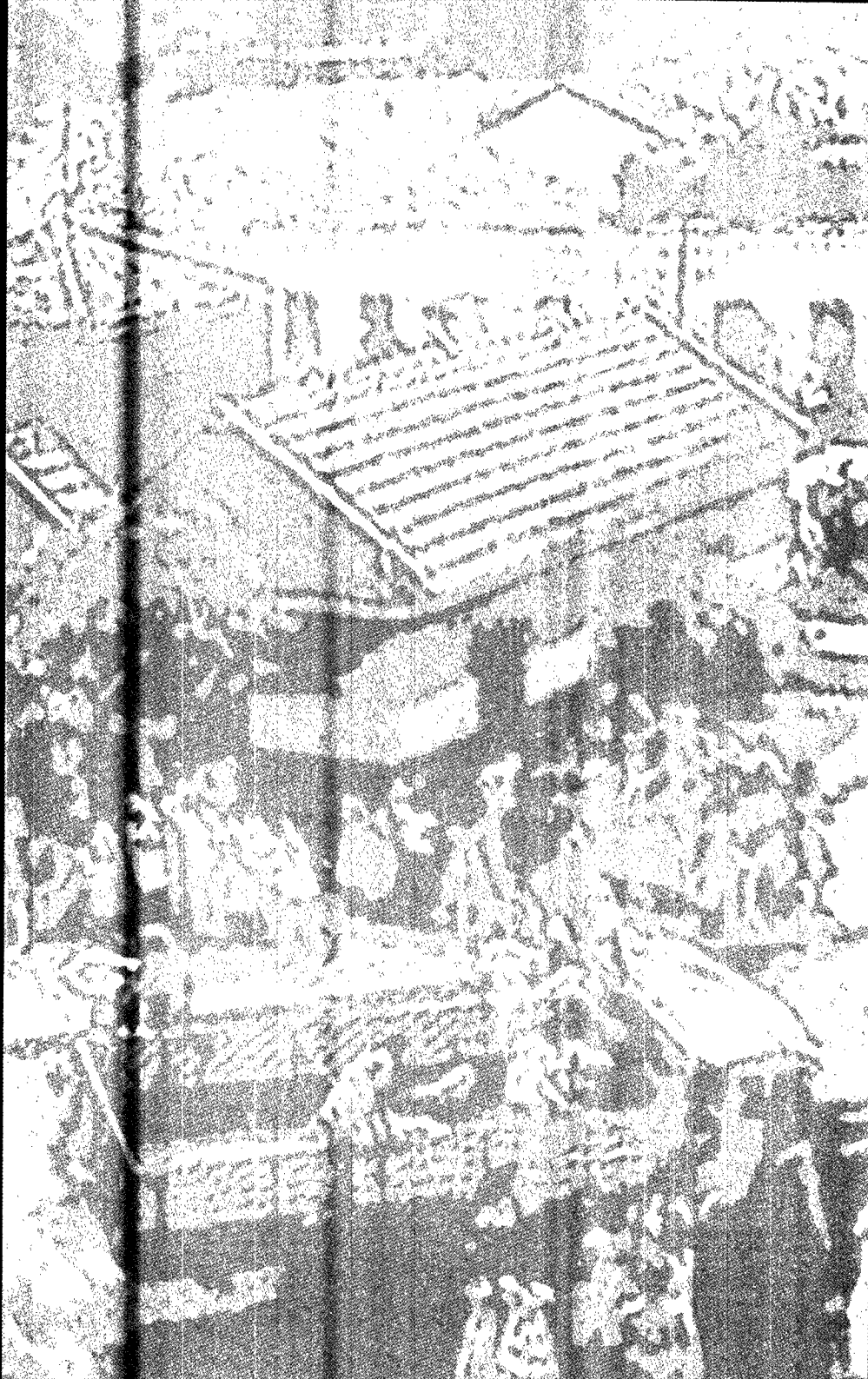
*“O que vejo, o que noto, o que observo,
Nesse, do Piauí, ponto obscuro;
Posto que bem notável se há tornado,
Por bruços feitos de eternals patranhas?
Tudo vileza, corrupção, delírio!...
(...)
Fugi! Fugi! Ó vós que ainda não tendes
E nem desejais assaz repleto
O vosso coração de átis infâmias*

Fugir! Fugir! Oh! Vós, a quem a crápula,
 A mentira, a calúnia, a infâmia, o embuste,
 A vil maledicência, a impudicícia,
 A fraude, a ingratidão, negra torpeza,
 Servil adulação e , quando existe,
 Que torne o homem vil, que torpe o torne,
 Horroriza, apavora, encham de sustos,
 Fugir! Torno a dizer, fugi bem longe,
 Dessa cloaca imunda e seus contornos
 (...) mísera vila,
 Ou antes, cova vil de negras fúrias,
 Centro de embustes, foco de torpezas,
 (...)

Trague-te o abismo, sorvão-te os infernos,
 De exemplo sirvas ao mundo inteiro
 De opróbrio, infâmia, para teus satélites,
 De horror, de espanto, a quantos te notarem.
 (...)

Aldeia Viva, julho de 1881.
 Teodoro Castello Branco, o Poeta Caçador.

Fitei novamente o prédio. Róseo ou cinza? Escuro, escuro; escuros, o céu e as incertezas.



Cuidado, moço!

DESCI PELA MANUEL DA CUNHA — rua de apenas quatro quadras, rua morta, rua onde um dia se assentou o Cemitério da Confraria de Nossa Senhora da Conceição. Ainda o vi de pé — de um lado, túmulos de acabamento exagerado em detalhes; de outro, cruzes cujas iniciais sumiram na madeira corroída; ali, muitos lugares, onde me disseram, esqueciam os mortos de tuberculose. Houve um tempo em que todo dia a tuberculose arrancava lágrimas nas alcovas. Ainda vi, antes de meu exílio em Brasília, o cemitério que arquivava a memória da cidade.

Desci pela Manuel da Cunha, pisando, pisando, com os pés soltos e ligeiros, na cadência do corpo, o qual a curvatura da idade já não conseguia esconder — o corpo começava a se enrolar, os ossos perdendo a rigidez, carcomendo as vértebras, e isso a mim pouco dizia, a não ser que eu venciasse mais um dia; uma certeza que nem de longe afugentava minha respiração de menino. Enchia o peito de ar e respirava. Respirava profundamente. Velho, mas respiração de menino.

— Profundamente! — disse para mim mesmo, enfatizando: — Eu quero é que se dane tudo que é ouvido espalhado nas portas das casas; ouvido dizendo que não vou longe. Que voltei para esse chão só para morrer aqui. Vou até me benzer! Vão agourar o satanás!

De tanto ouvir esse tipo de pilhéria, pensei no povo de minha rua que se desencantou, desde quando cheguei ao pedacinho de chão da Taumaturgo, a duas quadras da igreja. Na mesma rua da infância. Uma casinha de dois quartos, sem ventilação, construída, segundo me contaram, em meados da década de 1930. Uma casinha de longo corredor na antiga rua do Caquengo. Recordei também os que desapareceram quando eu ainda tentava explicação para as coisas do mundo. Luizim do Carmo, o alfaiate; Tansi, a esposa; Pedro Furtado, o poeta-carpinteiro que talhou o próprio caixão.

Naquela rua, naquele trecho, muita gente desencantou. Nenhum sinal da presença deles que não uma ou outra casa intacta em sua arquitetura. Nem do livro de Pedro a rua tinha conhecimento. Quis contar quantos eu conhecera; desisti. Faz mal, dizem os antigos. Por que viver misturando o presente e o passado? Que mania de pessimismo!

— Olha pra frente, velho. Olha, se não acaba topando no calçamento e ficando até sem os dedos — repeti para mim, incomodado com a escuridão que tomava o beco, onde quase esbarrei numa bicicleta.

— Januário, moço, o que faz escondido nessa esquina?

— Seu Constantino. Chamo “seu” por respeito e admiração, nem que não queira. Já disse pro amigo que aqui o que

mais falta é respeito. Criei uma penca de gente lá em casa, levantando parede — o senhor sabe — e só deu cidadão. O que quis ser menos tá pros cortes de cana. E me disse que traz dinheiro pra comprar uma moto nova e mobilhar a casa. A mulher tá esperando em dezembro. E o pivete dele diz o nome do pai todo dia — respondeu sem dar pausas na voz, um dos homens que, ali, se dissesse que pedra era pedra, não se tinha que duvidar. Palavra, para ele, valia mais que dinheiro no banco.

— Eu pergunto de novo: tá se escondendo?

— O senhor sabe que não me escondo nem de Deus. Essa esquina tá que nem lá em casa, pra mais de dois meses sem sinal de luz. Mas do quarteirão em diante, onde dizem que está tudo dominando, trocaram até lâmpada boa e se acha ali até bosta de vinvim. Aqui é igualzinho ao poste lá de casa — energia no terreiro só pra quem reza na cartilha dos homens. E não rezo, não. Lambe-sola que vá pra caixa-prego!

— Cuidado, moço, com essa moto aí nessas carreiras — interrompi as explicações do amigo, advertindo-o do motoqueiro que cruzou a rua sem se dar conta de que o passeio não era dele. — Já viu como é que está caminhar por essa cidade? Você está mais que certo. Falta é respeito; e olhe que até de quem tem caneta — acrescentei, confirmando que Aldeia Viva havia perdido as estribeiras.

— Seu Constantino, não canso de dizer lá pra minha patroazinha que acostumaram, e muito mal, o povo em porta de prefeitura. O costume faz mesmo a boca torta. Do rico ao pobre, todo mundo aqui quer salvar a pele, co-

mendo mole, mole. Eu nunca quis porta de prefeitura e não falta feijão em meu barraco... E sou pedreiro disposto a trabalhar, graças a Deus!

— Se fosse só as motos... até que talvez a gente tolerasse. O problema mesmo é que aqui nada funciona. Estava um chororô danado no mercado hoje. Está faltando Captropil de novo e tem é gente com o coração na mão, pedindo a um e a outro um tostão para o remédio. Por que tanta ganância em nome de mais poder? Dinheiro muito arruína também. Sabia, Januário? Os mais ricos daqui, metidos em política, morreram pobres, pobres. Uns gastaram o suor da família, as heranças, terra, gado, as últimas moedas que sobravam; outros enricaram na política, mas andam pedindo benção... O amigo sabe.

— Seu Constantino, seu Constantino, a história não é bem assim. Isso é conversa pro povo se esquecer deles enquanto tiverem de baixo. Conversa pra tirar o povo da porta. Mas deixe eu me calar... Quem não sabe quem é quem? Tem neguim sabido aí que não cabe nos ônibus da Fretur..

— Nós aqui nem adianta falar de política. Não sei mais nem quem tá do lado de quem. Digo todo dia lá em casa: procedam... Mas chefe, eu me lembro dessa Aldeia Viva sem barulho de nada. Cheguei aqui pixote em 1958... Só a Ford de um ou de outro fazendeiro ou doutor. O caminhão do Missipa... A gente podia até dançar no meio da rua. Que bom que pobre também tem vez de comprar moto e carro, nem que pagando prestação do preço da morte. Moto mesmo até que é bom; mas é pra gente de cabeça no lugar, não

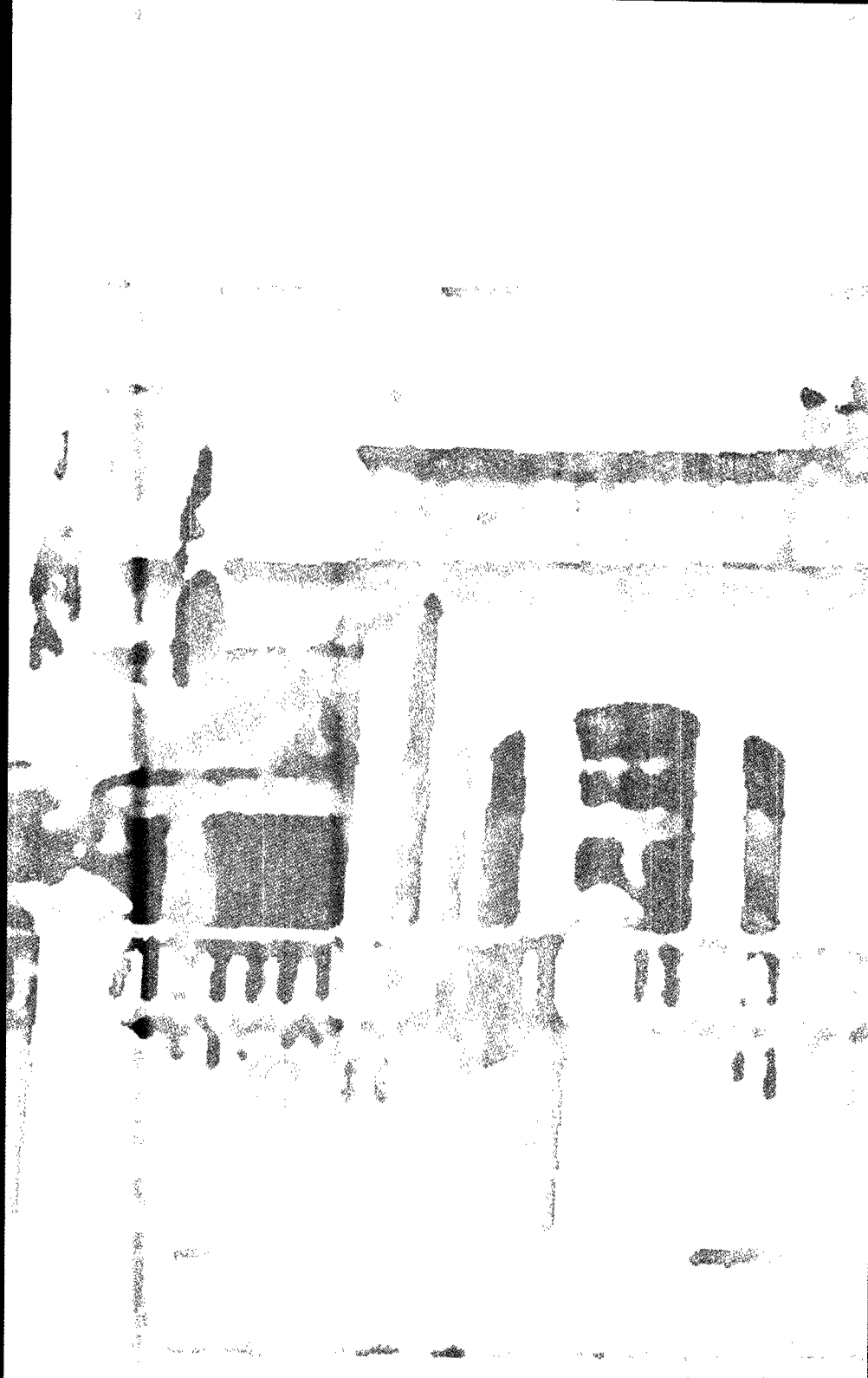
pra quem anda ai biritando, de noite, de rapariga na garupa, e tirando o sossego em alta velocidade. Aqui tem é gente ido pro Pequizeiro depois de barruada de motor...

— E como... Não é só moto nova, não, moço. Muita caminhonete também.

— O senhor sabe que tenho a liberdade de conversar à vontade com sua pessoa, porque gosta de me perguntar sobre as novidades da política, assunto de que gosto de falar. Tenho lá também minhas falhas. Se disser que não tenho mintio. Uma cachacinha. Mulher nas entocas do Matadouro. É da natureza. Foi Deus quem fez. Ou não foi? Mas sabe que não gosto de quem pega no alheio. E digo o que tá pra lá de errado é na bucha. Não tenho instrução que não seja ler e escrever o nome, mas aprendi com a vida... E ouvindo muito rádio. Ouço a Voz do Brasil é todo dia. Pra que escola melhor? Essas camionetas — esfregou a mão no nariz; o sorriso de desaprovação enrugado no canto da boca — é pra essa gente do poder mostrar que pode. Já vai mal se elegendendo e comprando camioneta. Tem menino besta que ganha até de presente, né mesmo? Por que não anda de Fusca, né mesmo? Precisa ser de camioneta?

— Pois é. Por que não anda de Fusca. Vou aqui levando uma sacola de pão e bolos e a barriga ronca... Estou esperando que vá fazer o orçamento da lavanderia que quero construir. Fazer uma reforma em casa e tirar o esgoto do fundo do quintal... Vou botar a lama pra rua. Quem sabe não invento até mais serviço?

— Pois não me demoro a ir.



Chico Laranjeira

— OLHA A MELANCIA! Olha a melancia! — gritou o vendedor, uma mão, firme, segurando a base de metal por meio do qual empurrava o carrinho. Segurava, para que as frutas não pendessem para fora; outra mão vasculhando a sacola, onde se via, pela acomodação no plástico, CDs. — Tenho CD também, seu Constantino. CD da Câmara, por cinco reais! CD da Câmara, por cinco reais! — disse, repetindo, a fim de conquistar a minha adesão.

Custei crer no que ouvia. Mas Chico Laranjeira, além da melancia e do milho que oferecia na porta das casas, agora vendia CDs. A gravação do escândalo. Gente contando dinheiro que a boca do povo dizia sujo. O último escândalo, o assunto do mercado, das portas das casas, e no fim da tarde, das rodas formadas voluntariamente em lugares sagrados de partidários e de gente curiosa ou faladeira. Era o CD do escândalo. CD verdadeiro, mesmo que o escândalo fosse forjado, como pensavam alguns. Mas que contavam dinheiro, contavam. Respondi a provocação do vendedor escolhendo

logo o que toda manhã eu comprava quando o gordo parava à minha porta:

— A melancia levo. Me escolha uma das melhores aí e ponha aqui no terraço. Mas CD, não. Pra que vou guardar isto, moço? Na semana que vem, já tem outro espetáculo e depois mais outro — nunca se cansam de nos enganar — ... Até a gente deixar de existir. Não viu o povo fazendo fila pra abraçar um jogador do Sul? Veio neguim até do Couro de Porco. Até procissão teve. Aliás, tinha gente contando vantagem no bar do Cheque: tudo aqui termina em passeata. Até o movimento dos crentes. Não fazem passeata é contra o sofrimento do pobre no hospital, contra perseguição de prefeitura, contra as sujeiras de tudo que é repartição leprosa de cá. Isso, não. Pra que, né, se a barriga não dói todo dia? Quanto aos CDs, o amigo não vai conseguir vender bem não, tá de graça na internet, e não tem quem impeça do troço rodar. Vai só perder seu tempo, Chico, e ainda correr o risco de coice de algum apaixonado.

— Corro risco não, seu Constantino. A faquinha aqui na cintura é amolada e o Tramotina no meu carrinho corta até pedra. Medo, só de Deus. Como fala uma raposa de nossa política, “ando é preparado”. CD, não ofereço pra todo mundo, não, ofereço não. É só pra gente que sei que vai comprar.

— Cuidado que lhe mandam bater. Isso tá é virando moda aqui. Quando querem intimidar um, mandam bater. Xingar aqui em rádio nem efeito tem mais, já não tem mais a quem xingar. Fecham e abrem rádio aqui como se fecha e se abre boteco: enquanto tem freguês funcionam numa boa; de-

pois quem diabo continua ouvindo lorota? Inventar estórias, o povo acredita nos dois primeiros dias, depois todo mundo duvida e só gente sem-vergonha continua falando nas esquinas pra justificar o que recebe ou não recebe da prefeitura.

— A moda agora é bater. E olhe quando não mandam a polícia fazer o serviço. Polícia serve mesmo é para bater em preto e pobre. Duvido que prenda drogueiro rico. E prende: só se for perseguição política. Justiça aqui é só a de Deus. Por isso, tem muito advogado da capital — ô raça sabida pra viver de desgraça! — querendo vir fazer dinheiro por aqui. Nem a multidão de veacos intimida essa gente, porque confusão é o que não falta. E não exagero, não. Mas tem que ter estômago forte pra suportar o que aqui se suporta. Porque é cada um que se diz doutor, cada um que se diz coitadim... Mas, me diga uma coisa, como é que sabe que alguém vai comprar o CD, homem?

— Só ofereço pra gente que é do contra?

— Ofereci porque sei que não gosta de bandalheira

— Essa história de bandalheira... Não me convence com isso, não me convence. Bandalheira neste chão é a ocasião e o bolso. Mas quero teimar em pensar diferente. Cuidado que daqui a pouco ninguém lhe compra melancia, sabe como funcionam as coisas aqui; se meta não. Perseguição aqui arde no lombo de gente. Todo mundo conheceu várias aberrações que perderam os dentes de tanto perseguir, e não se satisfizeram em continuar tramando das suas. Ô prazer desgraçado! E eu que pensei que todo homem tinha remorso... Quem não acredita em Deus vai ter lá remorso de coisa nenhuma.

— Seu Constantino, tô vendendo mais CD que melancia. Acho que vou é botar uma banca de CD no mercado.

Ri, já com sinal de aprovação. Não quis nem saber quem reproduzira as cópias, de quem mesmo eram os CDs. De gente besta é que não era. Laranjeira tinha tino pra negócio. Já vendera de tudo. De couro de bode a CD. Sabia chegar até o freguês. Eu devia reconhecer. Por que não torcer que espalhasse o “escândalo” pelas ruas? O povo que tirasse suas conclusões. E Chico que ganhasse o dinheiro. Pelo menos era honesto. Ganhava trabalhando. Pena que, em poucas semanas, ninguém mesmo ia lembrar.

Quem se lembrava dos escândalos das derradeiras administrações? De repente, como a sombra das figueiras da praça deitando no calçamento, água e óleo se misturavam — até que os interesses se contrariassem e tudo voltasse a ser como antes. Em nome do povo, em nome do povo. Lembrar mesmo só do Chico Laranjeira, que ia pegar nome feio por muito tempo. Ele não se importaria. Era propaganda de graça.

Borra de café

TALVEZ FOSSE POR ISSO, porque as lembranças se desgastavam, que a fotografia de Aldeia Viva, na parede de minha sala, desbotasse. Juro que ela fora bem protegida. Guardada contra sol, guardada contra poeira, mas desbotava, perdia o brilho e a vida natural que transmitia ao longe. Tão vivas as cores que, nela, as retinas se fixavam sem piscar. Era, noutras tempos, foto de levantar as pálpebras. Mas as Lembranças...

Até o oculista eu já procurara achando que minha vista não ia boa. A foto desbotava mesmo. O marrom da tinta, que lembrava o encarnado, bem que parecia com borra de café. Curioso, borra de café... Dava pra ver bem o prédio da antiga fábrica de Tonho Carvalho, mas a Casa Rosada já desbotara. De rósea, estava marrom, e por instantes eu duvidava se vermelha, se branca e até se pálida, como a minha pele envelhecida e enrugada.

Vestia meu traje habitual de caminhada. O passeio de sete da manhã. Mesmo que eu já tivesse ido ao mercado. Caminharia meus três quilômetros. O coração precisava.

De que servia dieta balanceada, sono em hora certa e abstinência de bebidas sem exercícios físicos? A fotografia não me saía dos neurônios. A fotografia. Recordei o dia em que a pusera na moldura. Morava ainda em Brasília. Quanta satisfação em estar longe, muito longe, e a imagem ali na minha sala a me fazer sentir tão próximo de onde vivi até rapazote, pulando da ponte e correndo pelas ruas.

A moldura, bem resistente; o vidro, escolhido a dedo. A fotografia, o fotógrafo amigo tirara numa das viagens que fiz em férias de fim de ano. A tinta, viva, parecia escorrer pelo papel fotográfico da melhor qualidade. Tinha somente uns vinte anos, mas se derretia sem explicação aparente. Diversas vezes, olhei se alguma infiltração na parede danificara o papelão da moldura e invadira a imagem do centro de Aldeia Viva. Mas nenhum sinal de água no reboco; enxuto, enxuto.

Beatriz, a sempre presente Beatriz, entrou na sala para me servir um suco verde. Couve-folha e maçã verde. Energia pura. Bebi lentamente, pensando no derretimento da imagem, tão concentrado que, de bandeja em mãos, olhando fixamente, ela me perguntou:

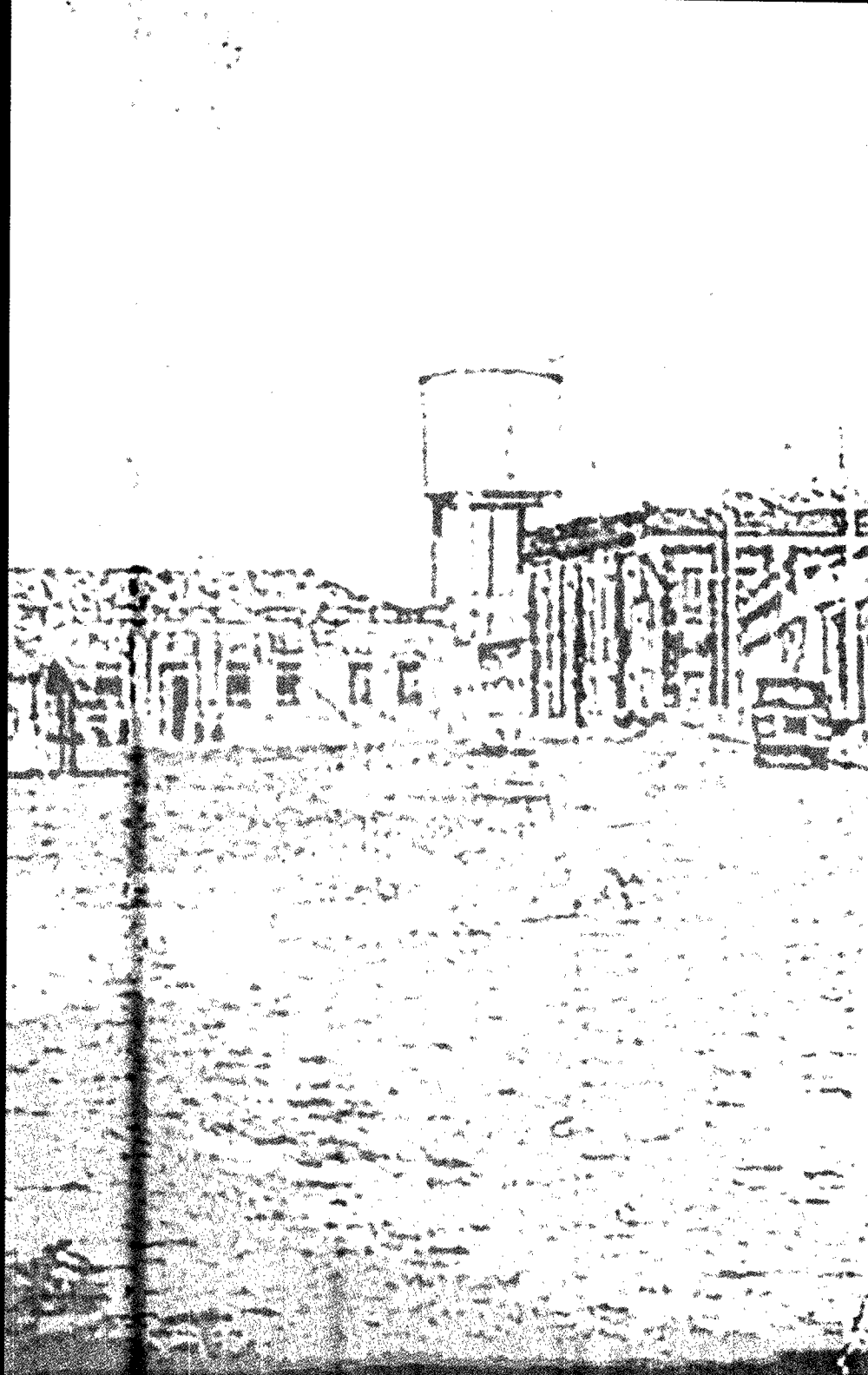
— Está de seu gosto?

— Melhor do que isso estraga — respondi sem tirar os olhos da parede, até que me estimulei a estender o braço em direção à bandeja para receber um iogurte e um pedaço de melão. Nem a degustação me tirava os neurônios da imagem.

O dia começou para mim com as divagações sobre uma fotografia. A Casa Rosada apareceu em meus calcanhares.

Agora, a casa concreta. Mas estava pior do que a fotografia borrada na minha sala. Ou melhor, a própria lembrança. Já na caminhada de um novo dia, avistei Laranjeira, que tirava do carrinho uma melancia e entregava para um homem do sim, um homem que, em matéria de política, era igual a ele. Procurei a sacola de CDs. Onde estaria o saco? Vendera tudo tão rápido?

Chico batia na melancia com o indicador. Conversava com o povo do sim e atestava a qualidade do produto. Aldeia Viva era a terra da melancia. Ao menos isso. Ah! Eu ia esquecendo: agora, talvez também dos CDs.



A casa desbotada

CHAMAM AQUELE PRÉDIO DE CASA. Disse-me gente antiga, gente entendida, que a primeira cor dela — e por muitos anos — foi róseo. Mas já a pintaram de branco, de amarelo e de outras cores, apagadas em minhas recordações gastas. Transformada em sede da prefeitura, cobriram-na de róseo novamente e a apelidaram oficialmente de Casa Rosada. Que marmota é essa? Se foi porque a primeira cor, na década de 1920, era róseo, nem sei. E quem vai saber? Se a argentina glorificava-se da sua Casa Rosada, porque não Aldeia Viva, um dia, na República Velha, centro de poder? O apelido, nas graças populares, já ia para mais de duas décadas. Se existira antes, em menino, rapazote e adulto, nunca ouvi. E já não sou novinho assim. Eu me lembrava mesmo era da Argentina.

Casa Rosada? A história de um tempo reinventada ou desinformação de uma terra sem identidade?

Aqui se enche o peito pra dizer Terra dos Governadores, dos Poetas e dos Intelectuais. O que isso ia dizer para me-

lhorar a vida de cada um? Todos construíram a vida fora, por lá ficaram, por lá morreram. Os governadores, desaparecidos desde a década de 1940 — sumiram com o fim do secular prestígio dos Pires Ferreira; os poetas, os mortos ou os vivos, longe, longe, nem lidos são — e os intelectuais... Rio no íntimo. Festeja-se uma glória vazia, uma alienação programada para a inanição. Falseia-se a vida, fugindo para o imaginário do otimismo ingênuo, na forma inteligente de alienar-se dos problemas.

Um ou outro se estimula nessa história e, apegado ao passado, usa-o como estímulo para a superação. Um ou outro de sorte na vida...

Confesso que tenho dúvidas se a escolha do nome Casa Rosada era uma brincadeira. Se fosse, tratava-se de piada original. Quando ouvia alguém pronunciar, eu ria no íntimo. Por que não homenagearam o rio, o sol, a padroeira? Palácio Marataoã, Palácio da Terra de Nossa Senhora. Homenagearam a primeira cor? Quem saberia? Para mim, exaltaram mesmo a Argentina. Ou resolveram fazer alguma piada.

Independente do nome, era digna de ser a sede de decisões administrativas. Não como estava: desbotada, abandonada. Ou não era abandono aquelas portas, janelas, móveis, vidraças, quebrados como se não tivessem dono? É — ou era — uma das edificações mais chamativas da cidade. Das mais antigas, ainda de pé. Só não sei até quando. Construída nas primeiras décadas do século XX, para sediar a residência de um coronel, alguns anos antes de se transformar em sede da prefeitura, abrigou a biblioteca municipal, onde,

pelos idos de 1980, estando em férias, livre das redações de jornais, das salas de aula e dos corredores do congresso, li raros livros de filosofia. Ali funcionara uma biblioteca de vergonha. Dessas em que se encontra do mais essencial para formar as virtudes e abrir a consciência para o mundo. Quem mais lera tantas raridades, para sentir falta delas?

Desapareceram como se fosse uma sina desaparecer o que de bom a mão humana — e até a de Deus — fez aqui. Fora assim com a igreja Matriz, o cemitério da confraria, o teatro municipal, a cooperativa dos produtores rurais, a associação recreativa. Tanta coisa! Até os próprios sonhos de quem queria uma cidade grande; a maioria arrumou as malas e foi morar onde os valores eram o do trabalho; longe do fuxico, da perseguição e maldade que vingam por estas bandas como capim em beira de esgoto. Teria o mesmo destino, o de pó ou poeira, a casa desbotada, que tanto envergonhava os homens de senso? Longe de mim, qualquer falso moralismo, mas eu tinha vergonha de dizer que ali, simbolicamente, era — ou fora — sede de poder. Por que não reformavam?

Aposentado, tenho mais tempo do que nunca para ler. Procurei em vão os livros que li, procurei-os na biblioteca municipal de hoje; ou melhor, procurei-os numa sala improvisada no fundo de um espaço de reuniões, audaciosamente rotulado de auditório; escondida, escondida. Inútil, algum rato roeu aquelas preciosidades. Desses ratos de braços e pernas; anomalia da natureza humana. Aldeia Viva tinha também ladrão de livros. Se fosse só de dinheiro público,

até me calaria; sei que um dia serão punidos. Um dia as instituições e as leis funcionarão. Não custa acreditar, mesmo que dos lacaios de hoje talvez já não existam os ossos.

Na cidade tinha de tudo. Até ladrão de livros! Quem mesmo ia lê-los? Ninguém daria nem conta de que existiram um dia. Quem ia se importar com livro sumido?

Diante da Casa Rosada, minha caminhada parecia encerrada. Já não me interessava mais saber se Chico Laranjeira teria coragem de apresentar o cd do escândalo a alguém do sim. A casa me entristece. Casa abandonada como o cão perebento que vi no mercado; as feridas, expostas. O cachorro a receber, sem razão aparente, chutes de um magarefe. O homem habituara-se a cortar carne, talvez isso. Um cachorro era apenas um cachorro, bicho pra ser espantado do entorno das carnes de bodes, ainda pingando sangue.

Chutavam aquele prédio; não só as autoridades, mas também os que calavam a voz. Chutavam como ao cão perebento. O prédio de feridas como o bicho. O prédio, o que fizera? O cão supostamente incomodava os clientes zanzando em redor dos boxes, mas a casa... Queriam sepultar alguma história? Outro dia, mandaram mudar o nome de escolas e até as pintaram de outras cores, sem razão que justificasse o gasto com tinta e a tentativa de apagar o significado do nome na memória coletiva. O que queriam mesmo agora?

Sentei-me num barquinho da Praça Antônio Carvalho. Sabiam o nome da peça pública em frente aos armazéns da velha fábrica? Olhei para a fonte d'água. Seca. A garganta também pedia água. Tomei da garrafa, minha compa-

nheira no percurso das passadas, e sorvi-lhe três goles sem afastar a atenção da fonte. Ela estava no centro do jardim. Quatro conchas sobrepostas, sendo a última delas — talvez ignorassem — imitação de algum deus mitológico. Estavam secas.

Olhei para o chão. A grama rasteira do jardim também secava. Brilhando, ali, a tinta do trailer, autorizado funcionar sobre a calçada da casa, agora sem serventia. Desbotada. Abandonada. Só não secava o Marataoã; esse, não. Ou secaria? Não secava mesmo era o que brotava nas mãos dos governos. Ou secaria? Sorvi mais três goles d'água e me pus a pensar se deveria chamar a edificação de casa.

Prédio ou casa, qual diferença faria uma palavra? Qual diferença, diante do desconcerto de formas em que se desintegravam as partes de um corpo de concreto vivo? Prédio foi, por muito tempo, para mim, repartição; casa, somente lugar de recolhimento, o lugar sagrado de todas as satisfações.

Nas décadas de Brasília, prédio adquirira mais ainda esse sentido matemático. Mas aqui prédio ou casa tanto faz. Nem me atrevia a chamar assim o que via. Eu me postava, isso sim, mediante uma construção abandonada. Como o cão em feridas abertas, assustado, sob torturas do magarefe; assustado, sob o bater de pernas de quem passava pelo mercado, mais atento à fala das gentes que à carne pendurada nos ganchos.



O poder é uma vacaria

OLHEI PARA A MINHA ROUPA. Tinha traje específico para caminhar. Traje leve, como recomendavam os especialistas. Olhei novamente para a roupa e, agora, para a construção desbotada. E senti o que sente quem, por carências materiais, não pode proteger-se do frio. Era assim a casa rosada de Aldeia Viva. Casa argentina. Casa-piada. Casa abandonada, casa de todo nome ruim. Nem adjetivo merecia, essa casa de sei lá o quê.

Sentia-me protegido pela calça de atividade física, pela blusa de malha, pelos óculos escuros indicados por médico. O prédio, não. Nenhuma proteção para afastar dele os danos espontâneos da natureza. Ou da mão suave de espertinhos. A casa, como o cão de feridas abertas no mercado. Sangravam. Cada qual a seu modo. Desprotegidos e abandonados.

Prédio ou casa, não importa. O que vale é que suas paredes eram como um cão perebento. Logo, logo, iam passar uma mão de tinta, tudo pareceria novo. Se fosse só o prédio que necessitasse de reforma... Iam pintar, mais dia, menos dia.

Nem que fosse uma demão de tinta por fora. Só não conseguiriam cobrir de cor nenhuma as sombras e as manchas que sumiam sem mistério, com data marcada.

Continuei a caminhada, mas não consegui conter o impulso que empurrava meu corpo para além dos muros e grades ornamentais, em madeira de cedro. Entrei pelo lado direito, por onde entravam os automóveis, no canto do prédio onde existira, por décadas, a fábrica de óleo e sabão, símbolo de progresso de um tempo.

A cancela, escancarada na manhã de domingo. Os sinos da matriz convidavam para a missa das oito. Ouvia atentamente o contorcer-se do som, que se repetira na minha audição com o trotar de patas no calçamento. Duas vacas corriam à minha frente. Já estavam nos jardins da casa. Elas apressavam-se, de cabeça pendida no rumo do palacete, e não pude esquecer os olhos com que me enquadravam. Olhos esquisitos. Apenas isso conseguia dizer daqueles olhos que imploravam por algo, até hoje indefiníveis na lembrança. Pareciam implorar por socorro como a casa abandonada.

Entreí. A porta da frente já caía em pedaços esfarelados. Recebera chutes. Como o cão perebento. Possível antever ali a ação dos vândalos. Não tinha mais vigia na cidade, não? Da sacada principal, uma espécie de marquise, corri os olhos em todo o jardim. Verde, verde, como o capim que nascia entre os ladrilhos da calçada. Verde, em contraste com o que eu veria doravante, ao cruzar a porta, ou o que dela sobrou. Tive a sensação de alguém me seguir. Seria o espírito de algum ex-prefeito?

Era meu direito ver um patrimônio mantido com o ônus de cada cidadão e não recuei em anotar na mente os detalhes cuja consciência e a curiosidade me obrigavam a enxergar. Havia cheiro podre no vento. Pus a mão no nariz. Pelo menos ali dentro ventava forte; o ar vindo dos buracos de janelas quebradas, por onde a luz espalhava-se natural. A mão no nariz. Cheiro de fezes. Elas estavam espalhadas em um canto. Fezes secas. Parece que tudo em Aldeia Viva secava. As fezes, essas é que secavam. Só não secavam as da fossa do hospital, que se desfaziam, com data marcada, em água fétida, minando sobre as calçadas da Escola Nossa Senhora da Conceição, na Rua da Podridão.

O cheiro era insuportável e voltei do meio do caminho. Queria procurar a tela milionária do famoso pintor e conterrâneo Lucídio de Albuquerque. Já era sabido nos quatros cantos da cidade, que sumira da sala de reuniões da prefeitura, sem deixar rastros. Um senador a doara, pensando na preservação da obra e agora... Voltei. O cheiro, insuportável. Vi um vulto. Ele cruzou por três vezes minha percepção. Vulto. Ser vivo não era. Coisa ruim? Talvez mesmo o fantasma de algum ex-prefeito. Quem sabe não seria o do pintor procurando pelo quadro? Ou Pomba Gira fabricando vento?

Desanimei-me e não quis mais olhar para detalhe algum. Voltei por onde entrei. De fora, olhando para a meia-janela ainda suspensa pela dobradiça enferrujada, lamentei pela falta de consciência. Lamentei, atento às manchas brancas na tinta róseo desbotada. Atento. Se fosse noutra terra, alguém já tinha agido.

Voltei a acreditar: tão logo passassem uma mão de tinta nas paredes da casa, tão logo remendassem as portas e o zum-zum-zum de gente pelos corredores se reestabelecesse; ninguém mais falaria no assunto. E o quadro do famoso pintor — pior que isso, a sua própria história — descansaria para sempre no esquecimento. Melhor para o ladrão; duvidariam até que existiu. Quem ia se lembrar do furto?

Continuava olhando, de fora; olhando e sorvendo mais três goles d'água. Um goteira me interpelou. Um goteira, como designam o ser que vive nas esquinas atrás de conversa para dizer a quem é do sim e a quem é do não; doido para se divertir, vendo o circo pegar fogo. Parou a bicicleta e bateu em meu ombro. Assustei-me. E quem não se assustaria numa terra que perdeu as estribeiras? Bateu no meu ombro e perguntou:

— Espantado com o que, doutor?

Não respondi. Doutor? Eu, que não tolero adulação, silêncio. Havia prova melhor para demonstrar a impertinência que o silêncio? Se aparecia alguém com elogios, pensava logo: “Esse sujeito está interessado em alguma coisa”. Chamar-me de doutor, então... Aqui é cada um que se diz doutor. Doutor, ora essa!

Não pude negar que o sujeito surpreendeu-me em sua filosofia, reiterando a pergunta:

— Seu Constantino, espantado com o quê?

— Estou só admirando o tempo...

— Não se espante, não. O poder é uma vacaria!

Havia definição melhor para a casa abandonada, a casa desbotada?

Ela era apenas uma vacaria.

No tempo da Bristo!

HOJE SAÍ para caminhar meio indisposto. Quase não durmo com a barulheira de som desse povim sem compromisso com a vida, biritando até quase de manhã na praça central ou nos bares da beira do rio. Já observaram como o negócio aqui que mais frutifica é bar? Querem até construir uns mais bonitinhos na beira do Marataoã, com urbanização e todas as vantagens da moderna arquitetura. A maior obra de todos os tempos, vangloriam-se. Obra? Ora, só sendo mesmo uma obra. Vamos saber quanto custou mesmo cada carrada de piçarra para compactar a margem do rio? Por que não criam faculdades ou inventam alguma coisa pra botar os jovens a pensar? Não, bares, ora essa...

Indisposto para caminhar, hoje tive vontade mesmo foi de pedalar. Já não tenho mais a agilidade de antes e a bagunça de carro e moto saindo de tudo que é buraco aqui, confusão que a gente da caneta não se interessa por resolver, me impede, por pura precaução. Chego aos cem anos, com a graça de Deus. Quem sabe ele não me dá a mesma dis-

posição de Plácida, que foi até mais dos 110, lúcida, lúcida? Mas andar de bicicleta, não. Melhor não. Tenho é visto gente levar abarroada e passar é tempo quase aleijada. Melhor caminhar mesmo. Faz bem para o coração e ainda tenho visão para enxergar até o sopro do vento. Fraquim, fraquim, depois que a Pomba Gira desencantou-se.

Mas que a vontade de pedalar é grande é. Tenho até saudade de Aldeia Viva com muita vereda, rua de areia e o sonho de ter uma magrela... Qual adulto de hoje ou homem de meia-idade, sem diferença social, não desejou pedalar uma Bristo ou uma Monark? Quem, vivendo em décadas findas, antes da completa invasão das motocicletas e da popularização dos automóveis, mesmo nos pequenos cantinhos urbanos, não fez da bicicleta o sonho de consumo?

Nos meus tempos de menino, a moda era a Bristo. Tanta gente pousava de galã montado numa! Conheci um senhor que chegou moço à cidade. Veio trabalhar no Deneru. Andava no lombo do jumento. Desmontou a dele, trepou o quadro na cumeeira da casa, guardou peça por peça numa mala de couro, que sua mãe lhe presenteara pouco tempo antes de deixar a casa paterna. Guardou para montar quando se aposentasse. Morreu sem pedalar mais nela. A bicicleta, ou melhor, o quadro, ficou. Está lá pregado no oitão; novo, novo. Aparece até esperto querendo comprar para revender. Mesmo com tanta motoca barata. Bristo hoje virou objetivo de colecionador. Quem tem não vende nem por um pedaço do céu!

Quanto menino aí pela era de 1980, não desejou a Monareta? Hoje, qual pivete sabe o que diacho é isso? Prova-

velmente, muitos imaginem tratar-se de uma banda musical, alguma nova geringonça digital ou até um apelido. Mais que o presente ideal para quem ainda não conhecia os becos e vielas da pequena cidade, girar os pedais e manobrar o guidão significava ser independente, conseguir mais amigos, concentrar em si mais olhares — e que pivete não valoriza isso?

Ter uma Monareta era principalmente status. Passeando aqui em minhas férias, via a gurizada — além dos rapazes e moçoilas, livres da perversa ameaça das ruas modernas — voltearem ao fim da tarde nos logradouros centrais. Quase nenhum carro nos trajetos de cadeiras nas calçadas. Poucas ruas, e tudo parecia tão longe; mato por onde se olhasse. Até nas margens do Marataoã, o rio que serpenteava, calmo, o perímetro urbano. Mato e a sensação tranquila de que o tempo parou.

Ainda que o suor descesse pelo rosto, sob os giros de uma corrente de ferro, movida pelos contínuos impulsos das pernas e pés, o tempo parava. O movimento, dos olhos. O som, do vento, na proximidade das churrascarias... Movimento, sons, cheiros; uma Monareta. Para que melhor?

Depois das manobras pelos paralelepípedos, meninos e meninas, eles, sobretudo, iam se concentrando na praça central. Alguns, em arriscadas acrobacias, levantavam pneus, suspendendo no ar, por segundos, a ilusão da beleza ou o risco de arranhões e fraturas. Aqui e ali, um despencava no calçamento, ardendo-se em dores, que fingiam não doer tanto, para não parecerem fracos.

Os manobristas paravam sempre na praça do hospital, prontos para ver os detalhes dos veículos concorrentes ou ajustar as selas. Adesivos brilhosos — a que se chamavam decalques — estendiam-se pelo quadro metálico. Espelhavam os nomes das marcas em dourados reflexos, fosse a luz solar forte ou fraca. Bastava o balançar dos olhos, para o nome movimentar-se, dando a impressão de que a marca andava tanto como o próprio objeto que representava. No cilindro que interligava a calha aos raios, havia uma espécie de esponja em náilon espesso, em cores que se mesclavam. Rodava qual a roda inteira — qual o pneu, qual a calha, quais os raios, quais os cilindros. Qual a bicicleta, a Monareta.

Olha o vigia!

NA PRAÇA CENTRAL, ajuntavam-se meninos e meninas em suas bicicletas quase de carne e osso, mas na praça do hospital era que o ajuntamento emocionava — emoção de arrepiar! Lá se travava uma verdadeira batalha. Com risco de feridos. De verdade. Lá, assentava-se, com um ar de dono do mundo, o guardião dos mosaicos que se pisava; o guardião dos odores das flores e do verde — vivia mesmo aguando plantas, numa concentração própria de cientista; o guardião da conservação dos bancos, naquela época, obras de arte, bem diferentes desses bancos de madeira quebrados nas praças abandonadas de hoje. Esses bancos que só não custam mais caro que a própria vida.

Ali, vi cenas de horrores e risos. O vigia corria desesperado quando os pneus da gurizada deslizavam por sobre o passeio, e não raro, eles eram interceptados pelas mãos ligeiras do carrasco, cortando a faca a borracha dos pneus — uma Tramontina que o bicho se jubilava de amolar numa pedra encostada à frondosa árvore. Era uma correria sem fim

quando, de bicicleta, avistava-se o algoz, de blusa aberta, faca em punho; o largo bigode gritando mais que a boca.

No íntimo, cada desafiador que ousava pedalar ali torcia pela destreza da figura estraçalhando algum pneu, menos o de sua bicicleta. E algum menino traquino até chegava a pedir Monareta emprestada, para simular que fora vítima do vigia e deliciar-se com a satisfação do malvado. A própria satisfação.

Na peleja de desafiar o dono da praça, divertiam-se as crianças. Divertia-se o vigia. Jogava-se. As armas dos pequenos competidores eram a agilidade do corpo, a rapidez do pedal e um pouco de sorte, para não ser surpreendido com o homem escondido detrás de alguma árvore encorpada.

A correria trotava em pneus e vozes quando se gritava:

— Olha o vigia!

O protetor do patrimônio, descobria-se na oportunidade de ouvi-lo, revelava-se pessoa de ternura. Acabava-se gostando da ideia de que naquela praça era proibido andar de bicicleta. Se existisse o Estatuto da Criança e do Adolescente, o homem seria um coitado e, talvez, não acumulasse uma sucessão de prazeres. Deve ter morrido. Há anos não vejo fisionomia parecida.

Hoje, não se vê bicicletas em profusão. A não ser nos passeios ciclísticos dos que as transformaram em ideologia. Exceto para os defensores da sustentabilidade, os verdadeiros e os de mentirinha, bicicleta é coisa de pobre. E tanta gente das brenhas se enfurna no mundo, para chegar da aventura com uma motocicleta. Ou o dinheiro dela, escondidinho no fundo de uma capanga.

Quem vai mesmo querer andar de bicicleta? O povo, o da caneta, esse mesmo que não quer ser visto montado em sela, quer é caminhoneta, nem que não carregue um pacote de sal. Caminhoneta para mostrar que pode. Quer mesmo é estirar o braço pra fora do possante, sacudir o ouro do relógio e da pulseira e, de quebra, ver se não tem nenhuma gatinha, dessas que sonham em mudar de vida, curiando...

Outro dia, para meu espanto, vi uma criança, despreocupada, para os rumos do Mato do Cachorro — eita lugar que era longe... Cidade agora; quem imaginava? — pedalando a todo vapor uma Monareta. De onde a resgatou? Acreditei que fosse minha. Nunca tive Monareta, mas acreditei que fosse. Não era. E me deu uma saudade danada do meu tempo de menino.

Melhor tomar meu gole d'água. Aquecer-me. Se não, hoje não caminho e aqui tem um dizer que vale como uma oração: "Quem gosta de passado é museu".



A tesoureira

A MEMÓRIA, esse trem descarrilhado que não sabe aonde vai parar, hoje me trouxe a imagem de uma figura. Antes de ir aos fatos, julgo necessário apresentar tão ilustre pessoa.

Pipira, tesoureira, goteira. Nenhum apelido para se referir a Petronília contabilizava seus atributos para a especulação. Ela valia todas as rodas de fofocas juntas. A das portas das casas e a dos bares. O surpreendente de tudo isso: quase não saía de casa. Deleitava-se horas parada, de mãos no quadril, ouvindo até o boato mais banal, verdadeiramente interessada no que se dissesse. Deus tivesse pena de quem desse trela quando ela se destemperava a falar, gesticulando para todos os lados.

Para não dizer que sou preconceituoso, digo sem pestanejar: há, em Aldeia, muito homem que, em matéria de fuxico, anda a quilômetros de nossa Petronília. Homem que marca ponto na porta da prefeitura, nas praças, nos bares e onde houver moqueca de gente reunida nem que seja apenas para imaginar absurdos sobre quem passa.

Devo admitir isso, como admito que, em fofoca, Petronília tinha doutorado.

Incomodado com leves dores no joelho direito, depois de tropeçar em cadeira fora do lugar, na ausência de luz em casa (ô lugar que falta energia!), saí para caminhar por percurso bem inferior ao que percorria diariamente. Mil metros apenas. Ia até o mercado. De lá, retornaria descendo, lento e com sacrifício, pela Leônidas Melo, no temor da lepra debaixo do cimento daquela rua, e cruzaria a Manuel da Cunha até ver, na esquina da Taumaturgo, o Marataoã ao longe, brilhando mais que o sol, para chegar, enfim, à casa sagrada da infância; à casa agora da velhice.

O joelho, ainda dolorido, obrigava-me a caminhar mais vagorosamente a ponto de hesitar em prosseguir. Incomodado, incomodado, surpreendi-me com o toque repentino e repetitivo em meu ombro:

— Ficou mais rico, seu Constantino?

Fingi não ouvir, mas a provocação se repetiu:

— Não fala mais com pobre?

Minha reação não seria outra que saudar a curiosa mulher:

— Dona Petronília, como vai?

Ela fingiu também não ouvir. Reiterei em tom de brincadeira e, serenamente, em timbre carregado de afeto:

— Dona Petronília, está mouca Mulher?

Permaneceu calada.

Para amenizar a indiferença inicial de ambas as partes, perguntei o que, supus, ela jamais deixaria de responder:

— Como anda da coluna seu Cabral?

— Oba, Constantino, pensei que quem tivesse mouco fosse você ... Depois dessa clínica particular de fisioterapia já está é dirigindo. O senhor não tem visto ele pelas ruas, não?

— Há dias não saio de casa. O joelho não tem ajudado. A escuridão aqui está adoecendo a gente até dos ossos.

— Adoecer se adoecer aqui é dessa água. Contaminada com todo tipo de metal pesado, explicava minha filha enfermeira lá em casa ontem. O mais forte é o chumbo. Eu acreditando que chumbo se não o de tarrafa de pescador, era bala mesmo ou o xinga-xinga dessas carniças da prefeitura nas rádios. Não, uma porcária maligna na água desse rio.

— E não tem Secretaria do Meio Ambiente não, minha senhora?

— Ora, Secretaria... Minha boca é rasgada, mas não vou responder, não — troçou, vendo-me de cara rosada, tentando me esconder. — E não venha me reprender, que mando para aquele lugar.

— É muito aguapé no rio mesmo, não acha?

— Se fosse só isso. Muita bosta de gente mesmo — brincou novamente.

— E a Secretaria da Habitação e a da Juventude, o que a senhora acha?

— Ora, Secretaria...

Observando que minha curiosidade aumentava, saiu-se com esta: — Onde já se viu, história de secretaria. Secretaria é outra coisa: contra-cheque gordo para fazer fuxico nos bancos dá praça ou detrás da igreja. Não vê o senhor que tem mais moto e gente do lado de fora do que cabe nessas repartições?

— Mas a água é tratada!

— E o senhor acredita em tratamento aqui? Quem não vai morrer por conta de água contaminada sou eu. Já deixo reservado todo mês o da água mineral. O senhor já viu algum desses novos bacanas — e dos antigos também — beberem água de torneira, de filtro de barro? Bebe não. Bebe é mineral. Quem toma água mesmo do rio é o povão, e nem desconfia que essa água mata; se sai da torneira, pro povo, serve.

A essa altura, a frieza de nosso contato inicial e minha aparente indisposição para o diálogo se desfez diante de tanto humor, para não dizer também de grosseria, mesmo que minha interlocutora cresse em sinceridade. O joelho doía uma dor enfadonha e isso me irritava.

Quis encerrar ali a prosa, mudando logo de assunto, para não me complicar, nem ver minha pessoa na boca dos fuxicos. Que os curiosos ali ouviam, ouviam! Mas acabei me prolongando. Agi, de saída, falando de amenidades e como me habituara a fazer em conversas com ela — quase nunca confirmando nada, quase sempre respondendo por meio de novas perguntas:

— O que traz de bom nessa sacola, para a gente?

— Só frutas e verduras. Aceita uma maçã?

— Obrigado, mas estou em caminhada e não quebro minha dieta por fome nenhuma. Bom apetite pra senhora.

— Sabe das últimas, moço? O senhor que caminha muito todo dia e anda em tudo que é bairro?

— E a senhora não é mais informada que eu?

— Ouvi dizer que não tem rua nessa cidade por onde o sujeito não tema andar à noite. Um breu só! O que diabos fazem com o dinheiro da taxa de iluminação, Constantino?

— O que a senhora acha?

— Ora, o que acho ...

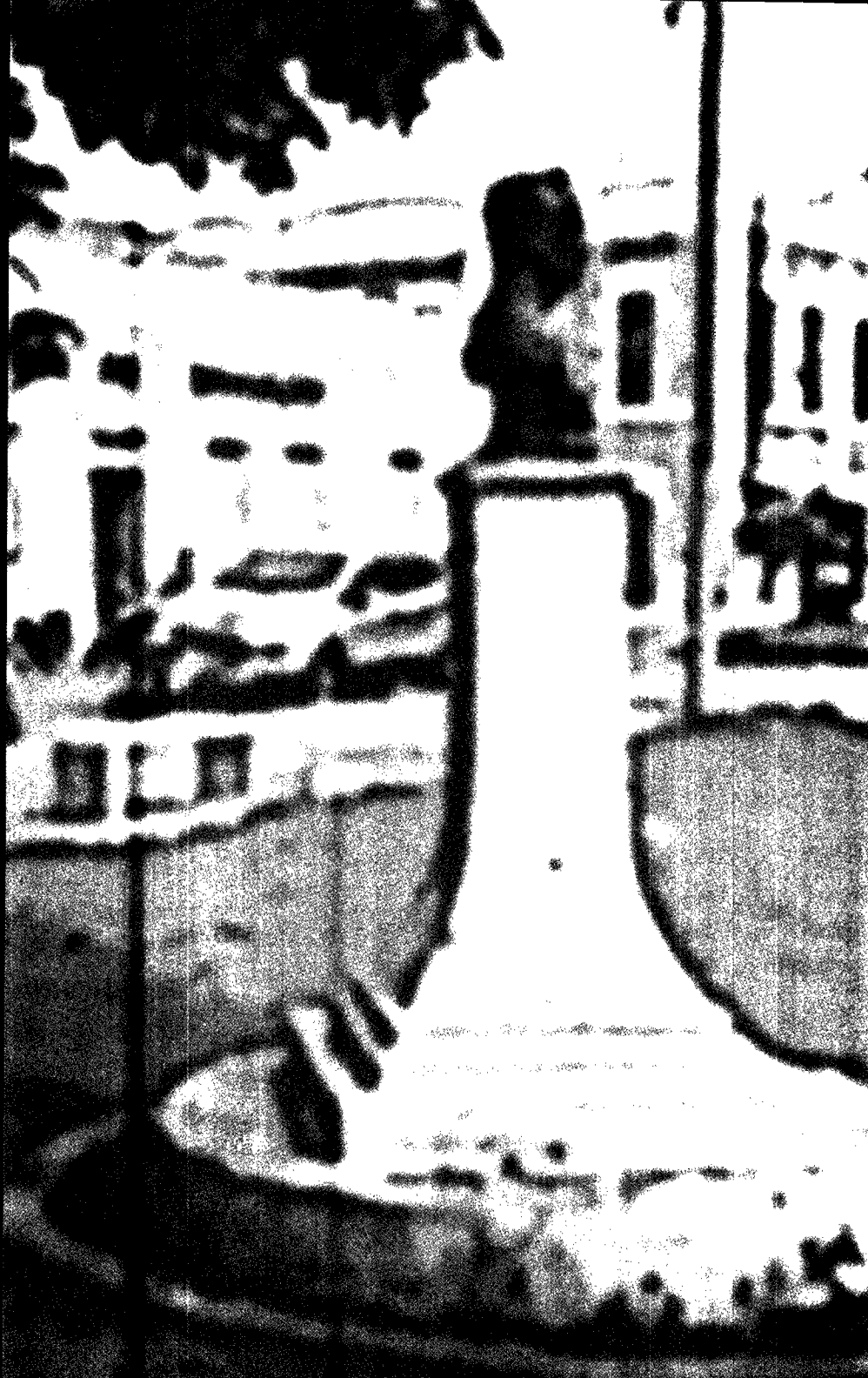
— O poste lá de casa ficou seis meses no escuro. Cansei de ir à prefeitura servir de palhaça. Comprei uma lâmpada e o homem que limpa meu quintal subiu no poste; um medo danado, mas subiu. E trocou a luz. Tanto assalto nessa rua, moço.

— Mas é esse inverno, dona Petronília. Inverno queima lâmpadas adoidado...

— Deixe de fingimento, seu Constantino. Que esses filhos de uma água venham em minha porta pedir voto, fazer promessa furada e falar mal das famílias... Jogo água quente. Igualzim fiz com o gato que roubava minha carne de sol no quintal. Ladrão só com água quente no couro.

— E a senhora não acredita em conserto, que as coisas mudem?

— Dá pra acreditar não. Não finja que acredita. Nossa Aldeia está entregue a bandidos e a gente desqualificada.



O esgoto, na rua

5:30 DA MANHÃ. O sol, de pé, prometia quentura de ferver os miolos. A rua, já tomada de passos. Certeza de dia longo. Até parecia ser mais tarde. Tanta luz! Acordei elétrico e me prontificava para a caminhada. Estrearia a pista de cooper do Anel Viário. Construíram na beira do Marataoã. A obra cortava as quintas do Xique-Xique. Interligava a rodovia sem que o motorista cruzasse o centro da cidade. Pisaria nessa estrada com firmeza que a energia para caminhar era muita. Da nova pista, a poucos metros, a depender de onde se estava, via-se o volume de água escorrendo entre o mato rasteiro, desviando-se de pedras seculares.

Abro a porta e me assusto. Encostado ao muro, uma perna estirada e a outra dobrada, para que o pé, longe do chinelo, sustentasse todo o corpo na parede... Encostado, um velho conhecido de quem esperava, há dias, a visita para o serviço que eliminaria a água suja e mal cheirosa, empoçada no quintal. Ao lado do homem de meia-idade, o jovem. Mais do que o ajudante, o amigo de toda ocasião.

Tanto que, aos desconhecidos, parecia tratar-se de seu filho. Olho-os de vista espantada.

— Januário, meu amigo, o que houve? — perguntei surpreso com a presença do pedreiro que me prometera vir logo colocar o esgoto da casa para a rua e já ia para mais de três meses. — Por que tanta demora, homem?

— O senhor não recebeu o meu recado? — respondeu-me com uma indagação, franzindo a testa grande e reforçando a dúvida: — O senhor está de brincadeira?

— Por instantes, acreditei que não era mais um sujeito de palavra. Se tinha coisa que eu valorizava, ela tinha nome: palavra. Tratei de imaginar a falta dele, vendo as possíveis razões positivas para a ausência ao chamado. Certamente, adoeceu ou não terminou a obra em que se meteu no tempo hábil para me procurar. A pausa para pensar, breve, breve, deu-me espontaneidade e calma suficientes para prosseguir, motivado, o diálogo:

— Que recado?

— Passei em sua casa logo que nos encontramos na rua e deixei recado com a senhora que trabalha aqui, dizendo que a obra do Pedro do Açougue ainda me tomaria o tempo de um mês.

— Pois não recebi.

— Quando terminei o serviço no açougue, uma semana depois, voltei em sua casa de novo, agora pra dizer que não tinha condições de trabalhar. A mulher, em minha casa, ainda mandou eu ligar, mas achei melhor dizer pessoalmente. Escorreguei no quintal, depois de tropeçar no dia-

cho de uma pedra solta. Não deu em outra: quebrei o braço, siô. Então ela não lhe deu o recado mais uma vez?

Estranhei a omissão do recado. Tenho em minha mesa, ao lado do telefone, hábito originado em Brasília, uma agenda para anotar tudo que tenho a fazer. A mesma agenda em que dona Beatriz registra recados e faz questão de ficar me lembrando. Se há contas a pagar, com dois dias de antecedência, está me dizendo. Se alguém anda em casa e deixa um recado, qualquer que seja, fica lá anotado. O que deu em dona Beatriz?

— Januário, foi mesmo com dona Beatriz quem deixou os recados?

— Falei para uma senhora de vassoura na mão, limpando o esgoto na porta da casa do senhor. Das duas vezes, ela limpava o esgoto de butuca ligada.

— Como era essa mulher?

— Uma dos olhos esbugalhados que nem alho, sem cintura, na faixa dos sessenta anos. Não é ela que trabalha lá?

— Ah, então foi com aquela belezura (com todo respeito, que respeito é bom) que o senhor deixou!

— E pra quem eu falava desse impedimento se não fosse pra mulher que trabalha em sua casa?

— Mestre, o senhor deixou essa notícia foi com a vizinha. Não dá bom dia nem pra príncipe. Vai transmitir recado? O amigo informou à pessoa errada.

— Vi logo! A mulher me olhou de cima a baixo. Da primeira vez que lá vim, até sujo eu andava. Saí da obra pra avisar o senhor que demoraria e só poderia estar sujo de barro. Tive que dizer para ela: “Sou ladrão não, dona; pedreiro”.

— Pois vamos tratar do que interessa...

— Estou no ponto de serviço. As ferramentas já trouxe e começo é hoje; só se não for possível...

Incomodava-me o banheiro e a cozinha da casa antiga. Levavam mau cheiro ou coisa parecida ao quintal. Esgotamento sanitário, por enquanto, um sonho meu, que vivi a maior parte do tempo em cidade grande e saneada. Quebraria o piso do corredor e, por meio de canos grossos, despejaria o esgoto na rua, na esperança de um dia vê-lo escorrer subterraneamente por baixo dos paralelepípedos.

A lembrança do acontecido que quase mudou meus conceitos sobre Januário ainda me volteava o raciocínio. Pensava na condição de mulher em Aldeia, distante da igualdade tão anunciada nas leis e na imprensa. Afirmava-se aos quatro cantos que as mulheres eram maioria na Câmara Municipal. A cidade com maior número de vereadoras no Brasil. Deu até em jornal do Sudeste. Qual delas chegou lá por história pessoal de luta pelos direitos sociais ou coisa que o valha? O que faziam de diferente honrava o lugar onde estavam? Ou tudo era como antes?

Voz de mulher nesta cidade ainda se estar por ouvir. Aliás, mulher, velho e menino, aqui, valem menos que bom-bom. Dava no que dava: a beleza e as cores femininas murchavam, impedidas de brilhar, pelos preconceitos e pelas histórias covardes de trastes. Ainda viam mulher só diante de fogão ou cuidando de criança, ou varrendo terreiro, ou lavando roupa. Não enxergavam o lado positivo de mulher igual, livre e independente.

E assim criavam todo tipo de nome imprestável, para rotular a beleza do que há de mais leve e perfeito no mundo. Esqueciam-se de mirar o olho nas rodas do mercado, dos bares, dos jogos de baralho, da porta das quitandas; de tudo que é lugar de homem desocupado, preocupado com vida alheia que nem o satanás.

A beleza de mulher — e quando digo beleza digo não só o perfume e a delicadeza suave e inebriante, digo também a inteligência — esta, ainda brilharia. A beleza verdadeira. Não essa, fabricada para a ocasião de momento encobrir ficha-suja ou atender os interesses imediatos de povo sem escrúpulos, doidinho para se esconder atrás de uma saia.

A vizinha, apenas, uma vítima do véu que encobria a boca empoeirada das mulheres. Encobria toda a beleza delas, murchando como o silêncio do fim das tardes em uma cidade muda, que apodrecia.

Os meus neurônios galopavam pelo quintal, agarrados ao pensamento distante. Januário interrompeu:

— Seu Constantino, esse negócio dos recados não me larga a cabeça. O que custava àquela mulher falar de meus impedimentos? Essa atitude só mesmo sendo de uma mulher.

Pito, eu só passava quando a paciência já não comportava nos nervos. Respirei fundo. Responder a absurdo com absurdo era como engolir fogo. Acabei falando serenamente ao pedreiro verdade bem verdadeira:

— Deixe de machismo, moço. Mulher pode tanto quanto homem. Está escrito nas leis. Não vê que elas já se tornaram até presidente?

— E deu no que deu. Aquela era só a sombra de um homem popular. Pegou carona nas costas largas dele. Ninguém me convence que autoridade de mulher não seja só dentro de casa. Na minha, da porta pra dentro quem manda é a Matilde, que vivo no mundo atrás do trocado pra comprar o bagulho. Da porta pra fora, ela não manja nada. Quem vai dar ouvido a mulher?

— Muita gente... Aqui não tem mulher vereadora? Num já teve mulher promotora e juíza? Mulher médica e dentista? Num já teve deputada? Num já teve freira fazendo bondade?

— Moço, melhor eu me calar. Posso perder até o cliente. Nada de pessoal tenho contra ninguém. O senhor já se perguntou de quem era esposa ou filha, ou quanto tinha para gastar nas eleições?

— Januário, você sempre morou em Aldeia, por isso digo: mulher é capaz. Tem tanta inteligência quanto macho.

— Estou por ver.

Campo minado

CUIDASSE EU de me livrar da lama no quintal. Lugar de coisa ruim é longe da gente. Se Aldeia Viva levasse isso a sério, tanto os esgotos como toda marmota não continuava mais enganando o povo, prometendo, prometendo para levar vida fácil.

Que dessem a essa gente uma colher de pedreiro, enxada, pá, carro de mão e ficassem de olho para não enrolarem serviço nem roubarem o material... Mas trabalhar em construção é para pedreiro e servente de verdade. Trabalhar não ficou mesmo para vagabundo ou malandro.

Por alguns dias, substituí as caminhadas em busca de ar pelas idas às lojas de material de construção. Mas era como se eu procurasse somente por mais fôlego. Respirando, eu também observava o vapor do clima colado nas esquinas, em cada casa, em cada rosto de feições inseguras. Respirando, eu me habituei a me absorver com tudo o que a cidade oferecia, ainda que a isso resistisse.

Respirava! Respirava...

Cumprimentei o vigia da praça, que, segurando em meu braço, bloqueou o caminho, para me avisar:

— Não vá por aí, não. Tem muito veneno — repetiu por duas vezes, lembrando-me da condição de velho, ao citar fato lamentável: — Seu Odorico, homem bom, quase de sua idade, borrifou o quarto com um desses inseticidas pra muriçoca e foi dormir de porta fechada. Amanheceu gelado e direto pro Pequizeiro.

— Veneno pior aqui é a língua, seu Berilo, e o máximo que vi até hoje foi gente queimada mais que carvão, ou vítima de quem vive inventando todo tipo de mentira para tirar alguma vantagem.

— Nisso o senhor tem razão. Neguim aí desse prédio rosa sai aqui todo dia falando mal dos homens. Dou corda pra falarem, mas fico calado ou só faço é elogiar o que tem de positivo. Armadilha, seu Constantino.

— Não será mesmo gente contrariada que quer pular do barco?

— É não senhor, Tocaia pra eu falar mal e correrem, botar no ouvido dos homens, pra ganhar benefício. Muita gente aqui vive só disso e tá com três eras recebendo da viúva sem trabalhar — respondeu com convicção, falando ainda com mais vibração: — Armadilha pra me jogar do Couro de Porco pra uma banda. Caiu nessa não.

— E não se incomoda com tanta baderna aqui?

— Olhe, prefeito pode é roubar até cabeça de pito dos pneus dos tratores que o governo deu. Roubar até a bolacha e o suco aguada de acerola da merenda das crianças. Se ve-

reador, promotor e juiz fazem de conta que não veem quem sou eu pra enxergar?

— E o senhor acha que faz certo assim?

— Certo mesmo faço é na hora de votar. Sou vigia e dou graças a Deus ter as filhas formadas em professora. Com elas, aprendi: em ficha-suja, voto não. Nem que despejasse uma carrada de ouro em meu quintal — gabou-se, advertindo-me de novo: — Tão borrifando a prefeitura velha, o sobrado, há dois dias. Não sente o cheiro do veneno? Passe por aí não. Só não sei pra que borrifam, se barata, rato e cupim aí é de carne e osso.

— Cuidado, fale baixo, olha os homens ali! Cuidado, se não lhe mandam pro Couro de Porco.



Interditada

NÃO ME DESVIARIA de meu caminho. Não me desviei. O cheiro de inseticida ia alto em gotículas semelhantes à neblina de junho. E as vi rodopiarem como redemoinho. Só não acreditava que, como o vento que arrasta, feroz, folhas, lixo e areia, o veneno eliminasse as pragas do prédio velho da prefeitura, o majestoso sobrado que abrigava o setor de finanças.

Haviam montado uma operação de guerra. Cavaletes impediam, de uma ponta a outra da rua, a passagem de carros e motocicletas. E a ordem era não se passar nem a pé no trajeto. A velha edificação, interditada. Isolaram toda a área defronte ao edifício. Fitas amarelo-brilhosas obstruíam ainda as calçadas, tomadas de cavaletes de madeira e, passar por ali, somente voando ou por baixo dos cavaletes de ferro, em dupla, no meio da rua.

Gente curiosa — o que não falta em Aldeia — parava o tempo todo para perguntar a quem, de pé, curiasse:

- Tem é gente morta aí dentro da prefeitura, é?
- Foi a Polícia Federal que lacrou aí, foi?

— Olha, vão levando a computadora. Por quê?

— Meus Deus, será se vai é cair com tanta coisa ruim dentro das gavetas?

Preparava-me para me agachar e transpor a barreira do cavalete, que o joelho já se recuperara. Uma velha alta e corcunda saiu do nada; uma velha nunca vista por mim. Será que morava em Aldeia? Saiu do nada, gritando:

— Meu Deus, meu Deus, será que o prefeito morreu?

Antes de simular o choro, queria chamar a atenção da massa crescente de curiosos:

— Era tão gente boa! Dava tanto peixe e frango pra pobreza. Oh, meu Deus! Oh, meu Deus!

E danou-se a chorar olhando para todos os lados. Nunca a vi, mas que se tratava de verdadeira atriz, disso não se duvidava. Tão concentrado no teatro da mulher, não me atinei para sua companhia, a jovem de corpo delgado, boca carnuda, inflamada de batom róseo mais vivo que a cor da casa rosada e da prefeitura velha juntas. Róseo de brilhar até na semiescuridão. A farta cabeleira em ondas declinantes dava aos traços do rosto uma visibilidade atraente. Olhava-se aos cabelos e mirava-se, na verdade, os grandes e brilhosos olhos de fundo provocativo e sensual.

A beleza da jovem, que, juro, esnobava uns vinte anos, lembrou-me de minha condição de velho. O ego falou-me com rispidez e o bom senso desviou-me o olhar para os curiosos nas calçadas em torno, de pescoço esticado no rumo da camioneta que parava e em direção à qual meia dúzia de plantonistas da praça correu. E, entre eles, a velha e a jovem acompanhante.

— Meu prefeitinho, meu prefeitinho, deixe eu lhe dar um cheiro.

— Dona Flor, meu benzinho, o que a senhora manda, patroa?

— Trouxe a moça.

Ele conferiu-a dos pés à cabeça. Olhou para o secretário descendo do veículo e gesticulou de jeito que parecia uma linguagem própria. Apontando para o homem, falou:

— Pois mande depois ela procurar esse secretário — disse, estendendo o braço no rumo da figura desconfiada que o acompanhava e repetindo: — Ele vai dar um jeito! Ele vai dar um jeito!

O prefeito recebeu uma pasta preta e volumosa de um baixinho já de prontidão e, temendo o veneno, dirigiu-se em marcha ligeira para o possante, saindo para rumo ignorado. Enquanto borrifassem, ele já avisara, não pisaria os pés no prédio velho por nada no mundo.

Dias depois, eu soube... — Petronília ataiava todo mundo que passava na rua para contar. Soube que a mulher, morando em Teresina e aposentada, lagarta na folha da prefeitura, queria emprego para a filha que morava na capital. Nem que fosse só para receber.



Veneno no bolso

— **NÃO IA TER MEDO** de veneno, ia?

Eu não sabia se falava ou se simplesmente pensava. As palavras pinotavam na testa, ocultas na carcaça da cabeça como gomos em chapéu de sapucaia. Presas, mas a qualquer hora prestes a sair, sem controle, disso não duvidava: ideias como sapucaias.

— Quem tem medo do mundo não merece viver. Pra que nasceu? E eu lá ia ter medo de veneno!

Parei diante do prédio velho da prefeitura. Vi o guarda da Sucam. Homem bom. Só em percorrer o mundo numa Monark, colhendo sangue e as incertezas do dia, se Deus não protegesse, era para eu crer na espiritualidade da natureza — no sol, na chuva, no vento. Fosse lá no que fosse.

O guarda da Sucam. Bomba de borrifar ao ombro. A vareta espirava longe a mistura que tinha cheiro de leite vencido e uma alvura parecida com o alimento. A caixa de alumínio da bomba brilhava, uma luz mais clara que o clarão

do meio-dia; se não tanto, no mínimo, escurecia a vista com uma capa preta que nem a energia presa entre as paredes sufocantes do antigo sobrado.

Por que não jogavam sal grosso ou mandavam o bispo benzer? Ou traziam alguma dessas entidades do Maranhão? Por que quem entrava ali era tomado de ideias esquisitas e, de repente, enfurecido, com uma voz estranha das profundezas de não sei onde botava gosto ruim no que diziam do povo? Do povo mesmo, os dedos que apertavam as teclas das urnas nos dias de eleição.

Chamem as forças ocultas, chamem! Que elas venham para libertar quem senta nas cadeiras das repartições de tudo que é encosto buzinando que muita riqueza nascia dali.

Dinheiro é bom. Quem não gosta? Vindo de graça, rima com desgraça. Por isso, Aldeia, perdidinha da Silva. Ui! De arrepiar! Por que diachos, tanta riqueza nascia da ferrugem dos cofres velhos daquele prédio? Até quando essa molecagem continuaria tão impunemente? Nêgo entrava, que nem a roupa do corpo tinha, e saía comprando até casa pegando fogo. Esbanjando, esbanjando e uma reca de babões de toda patente segurando copo de uísque, presenteando com capão, peta, bolo, doce, cajuína... Até o chefe virar pó de bosta. Até não poderem mais receber nada em troca e mudarem os mimos de endereço ligeiro-bala, e recomeçarem a velha ciranda dos favores fáceis.

Ligeirinho, os capões mudavam de endereço!

Vou desacreditar que o leitor me veja como recalçado, ou invejoso. Para mim, tanto faz pensar no que quiserem.

Sou feliz com o que me basta. Não vivi nem vivo para acumular fortuna (oportunidade, até tive). Vivi para o trabalho, ou para as minhas satisfações mais imediatas. Vivi a servir mais do que para mim mesmo. Dá pra acreditar que o sujeito que pensa nos outros e se sente bem praticando a solidariedade (da forma mais silenciosa possível) é recalçado ou invejoso? Vá, conte outra.

Para essa molecagem, sal grosso! Aposto que resolveria. Custava tentar?

Olhando o vai e vem da bomba molhando as paredes de veneno, eu pensava nos rumos de Aldeia, quando parei nas cores da farda do guarda. A farda de cáqui, mais limpa que o chão, que a sujeira que ali morava na sombra dos pés e das mãos da trapaça e da riqueza fácil. Tanto adjetivo para nomear a posse das conquistas nascidas depois de se sentar nas cadeiras manchadas da repartição...

Hum, hum... Uns chegaram por ali e até se disseram ricos. Nadica de nada. Ninguém acreditou. Ricos mesmo, só depois que se sentaram nas cadeiras manchadas do prédio. Entravam pobres para dirigir a casa do povo e saía-se dizendo mais pobres, mas o carro era camionete, a casa, radicalmente modificada depois do novo posto, um verdadeiro palácio das arábias, porque prefeito tem que fazer jus à posição que ocupa; se não, quem vai respeitar, né? Terrenos, fazendas, gado etc. Tudo comprado depois de pôr o traseiro nas cadeiras manchadas da prefeitura. Isso era fichinha diante do que não se enxergava: em outras terras, em outras terras. A família toda de dente na graça, moran-

do, comendo, vestindo e luxando que nem lordes sem ter trabalhado de verdade para conseguir o que conseguiu. Tinham esse direito não tinham? E deu tempo ganhar dinheiro pra tudo isso?

Eu não sabia se falava ou simplesmente pensava. Mas falar e pensar dava no mesmo.

Parei demoradamente, observando o interior do sobrado da prefeitura. Observando o guarda borrifar. Um dia, ali funcionou a escola do professor e juiz Arimathea Tito, e diziam que fora de um coronel, casado com uma das inúmeras moças dessa família-mãe Castello Branco. Em Aldeia, quase todo mundo do centro e das antigas fazendas tinha o DNA dessa gente; ainda que muitos nem soubessem e que uma minoria se metesse a se xingar, quando não a se esbofelar. Dinheiro é o diabo mesmo. Era a mesma gente com nome diferente. Minha lembrança se interrompeu com o barulho da bomba choruminhando veneno nas paredes e no chão, numa chiadeira de cigarra, como se fosse a sinfonia do tempo.

O vigia Berilo, da praça, a uns quinze metros, gritou:

— Seu Constantino, moço, volto a avisar: saia daí. O senhor não tem medo de veneno, não?

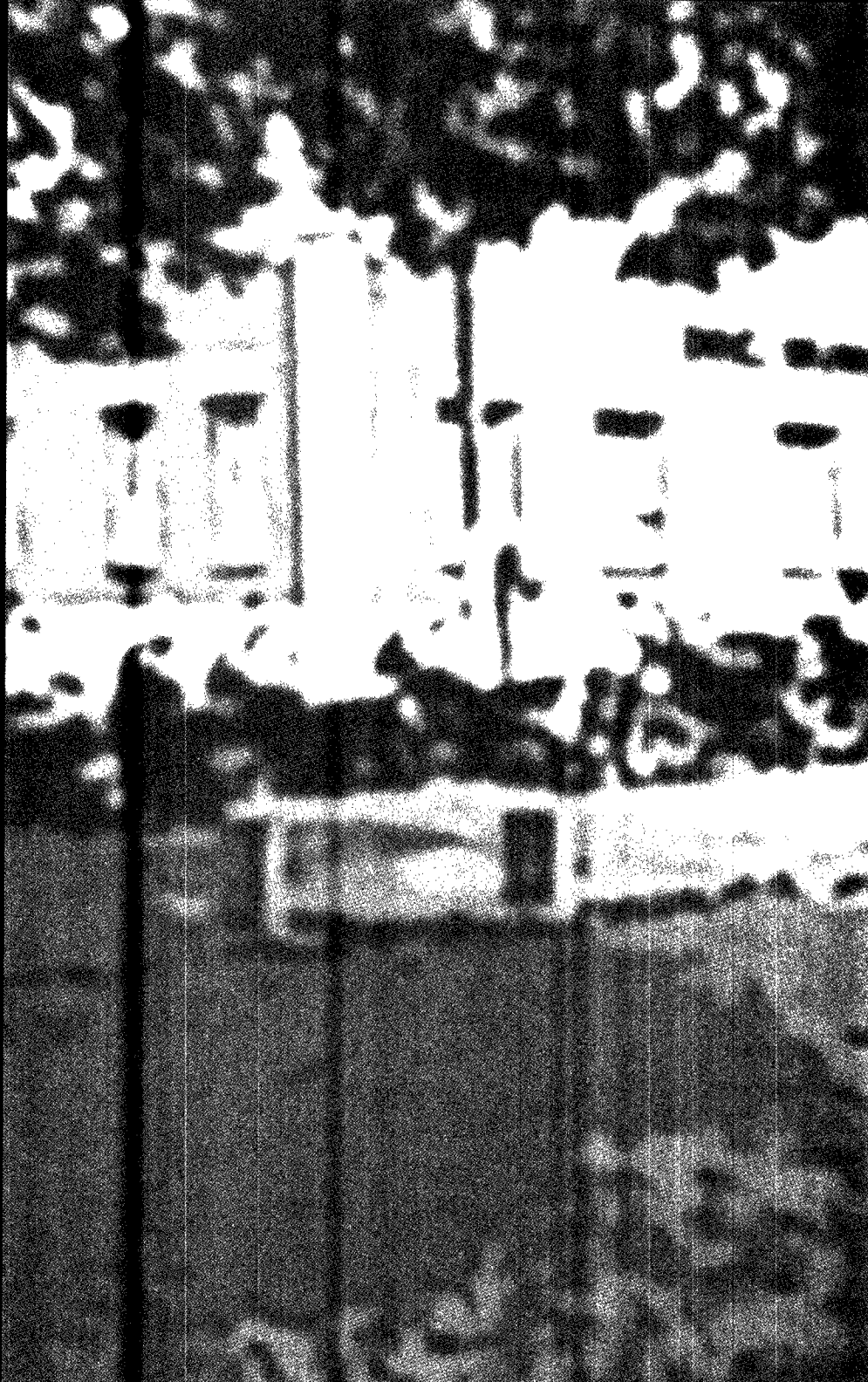
Voltei as costas para a praça e permaneci calado. O vigia veio até mim:

— Cuidado, isso mata!

— O que mata mesmo aqui, Berilo, é essa praga que habita aí entre essas paredes. É esse cupinzeiro danado. Todo lugar vai pra frente. Veja as cidades vizinhas. Em Aldeia o

que vai pra frente, se não cupim ou a riqueza de quem senta nas cadeiras machadas desses prédios de róseo?

— Pois sacuda o bolso, sacuda, sacuda, que a peste é pequena. Não leve a praga nem o veneno no bolso!



A casa em reforma

BARRO E AREIA NA CALÇADA. Pedras sendo transportadas para o fundo do quintal. O cimento guardado perto da dispensa, comprado mês a mês e eu já não sabia se estava pedrado. Januário, no ponto de serviço, pôs-se a quebrar a pequena cerâmica vermelha. O cano ficaria por baixo do novo piso, agora antiderrapante, a ser assentado em toda a casa.

Ele não trabalhava com prazos exatos, mas eu precisava me organizar e insisti até que me desse uma data aproximada. Em dois meses, tudo pronto. Antes da festa da padroeira, o esgoto escorreria para a rua e, dentro de casa, tudo arrumadinho, o cheiro de pinho no chão; as paredes, novinhas em folha.

— Não é muito tempo, Januário? — perguntei, mostrando para ele que tinha pressa. — Reforma de casa é coisa chata.

— O pior é que nunca acaba. A reforma é para a vida inteira. Casa é igual a nós: perdemos os dentes; ela, janelas, portas, ripas; perdemos os cabelos, ela, as telhas que se quebram, o reboco que descasca ou cai; perdemos os pelos e os que restam ficam brancos, ela, a cor das paredes, que desbotam.

Casa é como gente. Se não reformar, se acaba ligeirim. O senhor não acha?

— Reformar casa é como arrumar livro em biblioteca, Januário. Concordo: a gente nunca acaba (tira, bota; bota, tira). E tem que saber o lugar certo das coisas. Se a cabeça se confunde com bagunça de livro desarrumado, casa caindo os pedaços, suja e bagunçada, é uma confusão só — emendei as explicações do pedreiro amigo, afirmando em bom tom: — De construção, meu amigo, só entendo mesmo de texto em papel. O mestre aqui é você. Tá em suas mãos.

— Se é igual a arrumar livro em biblioteca não sei. Lá em casa, só tem os do governo que meus netos usam na escola. Deixe-me cuidar aqui. Mas o senhor sabe: só trabalho conversando, e não me chame atenção. Prejudicar o serviço não prejudico, mas não gosto de ficar de bico calado. Conversar é vitamina pra mim.

— Pois olhe, se fosse em casa de meu finado pai, o silêncio ia imperar e ele estaria de olho atrás de defeito. Para ele, quem conversava em trabalho enrolava ou queria enrolar serviço. Não se preocupe: já fechamos o valor e o resto, estando pronto para o final de novembro, é o que me importa. E o senhor pode é tomar sua vitamina, conversando até com esse bem-te-vi aí atrás nesse pé de goiaba.

— Sabia, seu Januário, que tô pagando a prestação de um motor?

— Aposto que vai dar umas voltinhas no Matadouro...

— Isso não, quem vai montar nela é só a mulher em casa e minhas netinhas.

— E o senhor que tanto reclama de zoada de moto, resolveu assim comprar uma por quê? Cansou da bicicleta?

— Moço, o senhor me acredita que até os clientes quando me veem em cima de uma magrela acham que meu serviço não presta? Pensam logo: “Esse coitado nem uma moto tem. Será se é pedreiro bom?”

— A maioria das pessoas só vê com os olhos, meu amigo. Mas tanto prédio que o senhor já levantou aqui em Aldeia não é suficiente? Quando me perguntam quem é o melhor pedreiro que conheço, vou logo dizendo: “Pra trabalhar direito, economizar material e fazer o serviço preocupado com a qualidade da casa e com o bolso do freguês, aqui, para mim, pedreiro é o Januário da Boa Vista. Levanta casa e prédio no prumo e o acabamento é coisa de palácio”.

— Eu agradeço a deferência. Muito agradecido. Mas voltando ao assunto de minha motinha — os olhos dele se encheram de um brilho como se tivesse acertado na loteria. — Sabe que minha família é grande e ainda ajudo muita gente; o dinheiro quase não dá. Por isso, estou comprando no consórcio.

— E recebe quando?

— Ano que vem, se Deus quiser!

— Quem moto é? Comprou uma Brós?

— Nada. Minha motinha, chinerayzinha, minha motinha. Recebo em dezembro do ano que vem, recebo, fé em Deus.

Quando falava da moto, que ainda receberia dali a mais de um ano, Januário conversava como se estivesse diante

dela, como se a pilotasse pela ruas e conhecesse da máquina os mínimos detalhes. “Chineray, chinerayzinha”. Repetia, arrastando a voz, quase cantando, escondendo um quê entre ingenuidade, boa fé e felicidade.

A conversa funcionou para mim, naquela manhã, como vitamina também. Sequer me animei para a caminhada habitual pela cidade. Por todo o dia, como agulha enganchada em LP, repeti silenciosa e involuntariamente: “Minha Chineray, minha chinerayzinha, recebo em dezembro, recebo, se Deus quiser!”.

A colher do pedreiro

ATÉ IMAGINO QUE gente curiosa notou minha ausência nas ruas pelos meses de execução da reforma em casa. Aposto que havia quem me pensasse morto.

Minhas caminhadas rarearam enquanto Januário permaneceu reformando a casa. Além de distração, o barulho do quebra-quebra do piso antigo, do vai e vem do transporte de material para a área em frente à marquise e o baticum da colher do pedreiro me incentivavam a acompanhar toda a obra. A estrutura da velha casa permaneceria intocável em seus traços mais rústicos. Até o teto de madeira redonda e a cumeeira de carnaúba haveriam de ficar no lugar em que sempre estiveram. Mudar, eu mudaria o piso.

Para que modificar a arquitetura há tanto tempo ali? O longo corredor levando à sala; os dois quartos, à esquerda de quem entrava no recinto; a sala ampla, iluminada por minúscula e carinhosa janela feita pelo marceneiro Picoitinho; a sala, no meio da qual se estendia a bica, que estalava ao sol quando o verão ardia de fúria. A copa, o banheiro, a

cozinha e o minúsculo quarto dos fundos pareciam uma área só em seu retângulo extenso, medido para melhor aproveitar todo o espaço da construção.

O quintal. Eu olhava o quintal e respirava com o peito tomado de um gás tão forte que sentia o céu em minha pele e em meu sangue. Casas sem quintais não eram casas. Para quem viveu em cidade grande doía ver que eles, a cada dia, menores, iam sumindo das construções. Os pés de manga, goiaba, caju, laranja, sapoti e toda sorte de fruta desapareciam. Surgiam o concreto, a laje, o cimento. O calor, a indiferença à natureza na ilusão de limpeza.

Por que se acabavam mesmo os quintais? Seria falta de coragem para varrer as folhas das árvores? Talvez por isso, porque os quintais desapareciam, já não ventasse mais! Vento, só de moto e carro tirando fino na gente pelas ruas.

Fora as mudanças no piso, preservaria a casa como sempre foi. Providenciei óleo queimado e, antes que se realizasse o retelhamento solicitado por mim, pedi que, com pincel espesso, toda a madeira fosse envolvida pela tinta preta, capaz de afastar o mais agressivo dos cupins. Isto sim importava: proteger a casa e, agora, tê-la mais limpa nas cores das paredes repintadas e o chão de piso novo. Além, claro, de colocar o esgoto para a rua. O que Aldeia deveria fazer: o esgoto na rua.

Concentrava-me nos afazeres exigidos pela reforma. A minha atenção no transcorrer daqueles dias, involuntariamente, interrompia-se quando uma motocicleta transitava diante de mim. “Minha Chineray, minha chinerayzinha, recebo em dezembro, recebo.” Que nome mais esquisito!

Existiria mesmo o modelo? Eu passava os olhos em tudo que é motocicleta: Cinquentinha, Pop, Suzuki, Vespinha, Honda, Yamaha, Brós... Agora, Chineray, ouvi pela primeira vez da boca do pedreiro.

— Januário, essa marca de moto existe mesmo ou está de brincadeira? — perguntei, repetidamente, sem obter resposta imediata. — Está de brincadeira, homem?

— Lá sou homem de brincadeira, meu patrãozinho! Gosto de deboche não! — respondeu-me contrariado. — Recebo em dezembro, dezembro do ano que vem. Chinerayzinha...

O pedreiro apreciava sorrir, mas riso que tinha grau de contenção. Riso às vezes solitário; desses que ninguém consegue entender. Logo sorriu e franziu a testa, acreditando que eu debochasse, presumi. Foi quando comecei a puxar prosa:

— Hoje não tem vitamina não, mestre? Aqui está ficando um silêncio só.

— É que estou me aquecendo para começar. Estava conferindo se o material vai dar para todo o serviço. Mas vai, vai — respondeu-me em tom animado, batendo com o malho sobre a cerâmica que assentava, de olhos fixos nas extremidades do piso, por onde percorriam os dedos à procura de avarias. — Tô vendo que o senhor quer me perguntar alguma coisa. Pergunte! Já disse que conversa pra mim é vitamina.

— Pensando aqui comigo no quanto se constrói rápido hoje. Em outras eras, tudo era mais sofrido.

— Agai! As coisas tão mais fáceis. Todo mundo quer facilidade. O senhor vê que tudo mudou. Hoje pedreiro usa máquina. E quem lá pensava nisso noutras eras! Veja o assenta-

mento desse piso aqui. Naquele tempo antigo, a gente usava massará, uma trabalheira danada, batia com pau e malho. A cerâmica, três dias curtindo na água, antes de colocar.

— E o que mudou tanto, Januário?

— Tem dificuldade mais não. Hoje é argamassa. Massará só pra aterrar. Ninguém mais quer construir com massará. Olhe essa maquita ali, corta rapidinho a cerâmica que deixa só no jeito. Eh, coisa boa! Ah, hum... Um serviço desses demoraria uma vida.

— Então é por isso que se vê tanto pedreiro hoje, Januário?

— Também, mas né só por isso não: é porque pedreiro é profissão boa. O sujeito começa e vai gostando, gostando. Como tudo nessa vida: pra gostar, é só começar.

— Se tá tão fácil assim, moço, o que mudou mais para o pedreiro?

— Pedreiro ainda é serviço pesado. Tem gente que não quer pagar o valor, porque não é profissão aprendida na escola. Mas pedreiro tem valor, mas do que muita gente que anda de gravata e que não merece o que o gato enterra — avaliou, voltando-se para o que fazia nossa prosa andar:

— Ave Maria, mudou foi noventa e cinco por cento. O senhor sabe qual é a primeira coisa que o indivíduo pensar quando vai fazer uma casa?

— O lugar dos quartos e dos banheiros, né não?

— Errado. O sujeito vai logo é perguntando quando não tem a planta na mão: “A garagem, rapaz, minha garagem vai ficar onde?”. Me lembrei até de minha Chinerayzinha, que recebo no ano que vem.

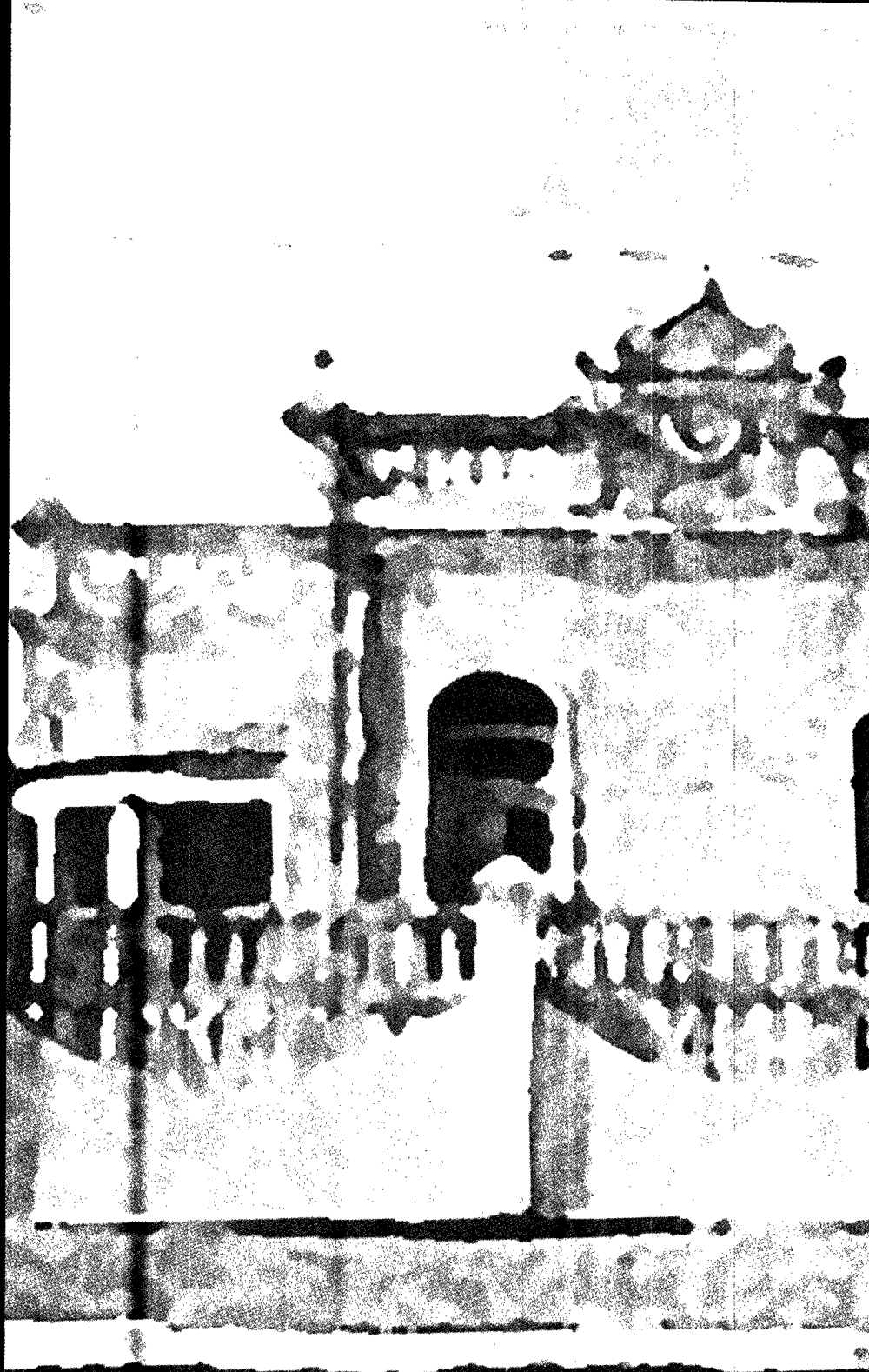
— Não se incomoda de nada dessa profissão, Januário?

— Se eu disser que esse serviço eu faço porque é para o senhor? Piso bruto, cerâmica e chaupisco, repito: tô fazendo porque é para o senhor. Faço, não. Dói as costas demais. E olhe que sou cabra disposto e não reclamo de nada.

— E da parte hidráulica, gosta?

— Olhe, aí é que a facilidade é grande. Ainda mais agora, o povo querendo só coisa moderna. Tudo só no ponto de encaixar. Bato cabeça não. Veja que só se quer agora é torneira de apertar. Cara, mas boa. A descarga, foi-se o tempo do cordão. O sujeito diz que é antieconômico e vai falando de asseio. Moço, o povo quer é o novo; coisa antiga, não.

Tudo envelhece tão repentinamente que nem me dei conta de que lá se vão alguns anos da pequena reforma. Esgoto na rua, piso novo, pia de lavar instalada e outras breves mudanças que me fogem da memória. Tudo já começa a se desgastar, inclusive o que não mudei quando deveria ter mudado. Reforma em casa nunca acaba: o que se acaba mesmo é nossa vontade de transformar. Para quê? Os outros que façam! Até que eu mude de ideia, o que tinha de fazer já fiz. Reforma em casa, como nas nossas ideias, serão sempre incompletas.



Lameirão

QUANTO VIVE UMA GERAÇÃO? Hoje acordei indisposto, confuso e a visão meio borrada, mas enxerguei no céu as andorinhas azuis de minha infância. Ou seriam urubus? Eu via andorinhas. Estava mesmo confuso, a visão borrada. Entre o cinza das nuvens, havia uma tristeza sem tamanho, em tantas ruas infestadas de urubus. Meu Deus! Ora, azul; ora, preta. A visão parecia até coisa do demônio. Ora eu via as andorinhas; às vezes, urubus... E o vento abafado espalhava cheiro de carniça pela atmosfera.

Tinha uma nuvem de poeira no sol e minha falta de ar começava. O diabo dessa falta de fôlego só pode é ser da energia perversa que Pomba Gira deixou no ar, desde que desapareceu na ventania que se foi espatifar contra as águas do rio, pra nunca mais voltar.

Era assim quando ameaçava ventar. Logo prendiam a ameaça numa garrafa, botavam uma rolha bem grossa na boca. A danada esperneava, esperneava. Presa. E a cidade ficava muda, muda. Toda vez que ameaçava ventar se não fosse em épocas de enchentes ...

Pomba Gira bem que tentara. Dançou por cada esquina, esquentando o corpo com o litro de aguardente, metida no vestido vermelho brilhoso que diziam ter sido bordado por uma entidade. Até falavam que uma fada bordou. Pomba Gira rodando, rodando, fabricando o vento.

Sei não... Mas depois que ela sumiu, o vento escafedeu-se. Agora era só poeira. Eita, nuvem... Para mais de trinta anos, a nuvem de poeira pairava sob a cidade. Seria ela a sombra que enfraqueceu e esfarelou os ventos e as esperanças dos mais velhos? Teria ela transformado tanto sapo em príncipe; tanto rato em cordeiro e multiplicado a Arca de Noé? Ô pedaço de chão abençoado!

No interior dos escritórios e das casas, que de tempos em tempos limitavam a entrada dos antigos amigos, homens preparavam os acordos; definiam os interesses mais imediatos. Dinheiro e poder para as famílias. Ou, para os prepostos, alguma ilusão passageira, dessas que descem do céu como raio, fazem novos ricos (gente que nunca nem sonhou em ter poupança) e deixam o rastro de destruição e o cheiro de pólvora espalhados nas paredes encardidas ou nas janelas quebradas das repartições. Dinheiro e poder. Nem que o preço fosse, para quem ainda restava alguma gota de vergonha, baixar a cabeça ao cruzar as ruas.

Dinheiro e poder. Em nome disso, tudo virava lama, tão suja e fedorenta quanto o esgoto do hospital. O esgoto miando na calçada da escola Nossa Senhora da Conceição, na Gervásio Pires, escorrendo rua abaixo, até serpentear a caixa de fósforos que chamam de mercado e misturar-se ao

cheiro de carnes e verduras. Esgoto como alimento. Esgoto infectante. O esgoto que os políticos diziam um dia pôr fim, e mergulhavam nele sem vontade de sair.

Lamento pelos sem-tostão. Não canso de repetir aos mais chegados: temo aqui as armadilhas contra os desprovidos de recursos, em tramoias já conhecidas muitíssimo bem. Cada estória bonita. A mim não enganam. A mim, não provocam ansiedade. Temer canalhas? Não, a arma deles é a intimidação e o medo. Quando não, a dependência econômica. Temer covardes jamais.

Aldeia Viva era um cálculo matemático. Nem se precisava entender de economia para enxergar longe as contas dos negócios de cá. Bastava olhar com calma, pouca calma, e a náusea, certa, vinha com força. De quando em vez, o sol esquentava os muros, mourejando neles uma espécie de cumplicidade triste. Mesmo diante da luz, o ar escurecia — aparentemente — de um cinza embaçado. Não sei se cinza ou verde-lodo; o certo é que escurecia, e fedia. Até enxergava nele a cara de anjinho de algumas figuras conhecidas. Anjos de asas quebradas e fisionomias mal formadas; se do bem, se do mal... A ocasião ia dizer.

O rosto deles, feito lodo, para não dizer diretamente matéria apodrecida, exalava como o esgoto do hospital, como as rodas nas portas das calçadas e dos bares, como os assentos manchados da Casa Rosada. Lodo ou cinza, por onde olhasse. O rosto deles parecia também com onça, peixe, mico-leão, tartaruga — esses bichos de papel que todo mundo gosta de contar. Lodo e cinza, mas também amarelo, verde, azul, laranja.

Ou não enxergo como antes?

O Marataoã se salvaria?

Na porta de minha casa, passou o leiteiro, homem do sim, a pé, entregando de porta em porta, a madrugada de trabalho e o sol da manhã, e sem que eu imaginasse a razão, rompeu meu silêncio:

— Seu Constantino, só falta agora mudarem o Marataoã de lugar.

— Não duvido que mudem até a padroeira — respondi de imediato.

A imagem da santa, nos festejos de dezembro. Que saudade dos festejos de antigamente! Barraquinhas de palha, emoção no hino da padroeira. Quem diabo queria saber de palco com essas bandas que se dizem com garotas safadas de muita bunda de fora, em rebolado mecânico, que nem sensual consegue ser?

Naquele tempo, já havia muita preocupação com vaidade. Neguim juntava dinheiro o ano todo pra roupa do festejo, mas era principalmente a vontade de andar bonito e asseado. Havia preocupações com vaidades sim. De tal jeito que Pe. Formiga criou coragem de acabar com lugar marcado em banco de igreja. Aquela não era a casa da igualdade? Por que um punhado de gente que se julgava maior tinha que possuir banco reservado em lugar tão sagrado?

Havia preocupações com vaidade, mas, de lá pra cá, o orgulho de gente disposta a aparecer ou a mandar, com suas bocas largas sobrando dentes, parece que se multiplicava. Multiplicavam-se as bocas e os dentes.

— Por que mesmo as imagens dos santos nas paredes da igreja traziam os nomes de seus doadores? Deus não sabia realmente quem doou?

Saía padre, entrava padre, mudava, aliás, o bispo. O comércio só crescia. Aumentava na disputa da princesa que coroaria Nossa Santa. Na disputa para ver que noitário arrecadaria mais em seu leilão. No empenho das famílias, para se mostrar mais religiosas que outras, porque arrecadaram mais para o santo catolicismo.

Multiplicava-se mesmo o comércio? Até a casa de Deus na terra virara puro comércio? Sumiram os pequenos vendedores — os de pitomba, os de algodão doce, os de caramelo em tabuleiro e até os mendigos de latinha na mão desapareceram. Sobraram as barracas higiênicas, os camelôs de fora e os jogos de azar, na ambição do dinheiro fácil.

Ah ! A imagem da Santa Padroeira e a aura que em torno dela se formava. As multidões, em derredor da Virgem, espremendo-se para beijá-la ou entregar-lhe uma flor, alumiar a minha frente. Tanta fé... Até a Santa transformaram em balcão de quitanda? Pendi para os lados, quase caindo, vendo antigamente as formas das mulheres descalças orando, de joelhos, no altar da Matriz. Visagem? Tontura violenta? Náusea. Suei frio. O coração balançou. O coração ou a jugular.

— Canalhas! É cada um que se diz doutor!. Cada um que se diz coitadim.

Ocorreu-me à lembrança que a santa foi um dia rica, muito rica. Era latifundiária. Uma vastidão de terras que

comportariam hoje várias cidades. Nossa Senhora perdeu tudo. Muda. Imóvel. De seu altar, viu sua fortuna multiplicar-se ou se dividir na contabilidade de gente metida à esparta, sem nada esboçar que, pobres mortais, nós víssemos. Para onde penderam as casas que ela possuía e o retiro pra banda do Paquetá? Vendidas a preço de banana, de graça. A beata dos presépios, na soleira da igreja, doou suas terras pra Deus... Venderam. E quem diabo recebeu a procuração da santa? Eu vou sorrir, porque as águas do mundo descem veloz pelas mãos de quem nunca pegou num terço ou fez um jejum. Bendita justiça social!

— Canalhas!

Urubus

DA PORTA DE CASA, enxerguei Chico Laranjeira. Na outra extremidade da rua, ele, no ofício de sempre, empurrava o carrinho topado de melancia. Reluziam ao sol, formando estrelas em minha visão desgastada. Bem escondidinhos, os CDs que vendiam tanto como as suculentas redondinhas que empurrava rua abaixo, rua arriba.

Mirei firmemente o carrinho de frutas, apertando as mãos contra as forras da porta, para não cair. Naquele pedaço de chão, ainda havia do que se orgulhar. Aldeia Viva ainda era a Terra da Melancia. Dizia-se também da cajuína. Dos projetos de piscicultura. Do Marataoã e do Longá. Também dos CDs.

Das mãos de gente solitária, disposta ao trabalho, nasciam maravilhas em Aldeia. Gente inventiva que não possuía hora para trabalhar nem se intimidava diante do poder de ninguém. Aldeia Viva tinha gente de coragem querendo escrever a própria história. Gente que não queria porta de prefeitura e que enfrentava até os demônios e

seus funcionários para defender seus objetivos e crenças. Pena que essa gente rareava; estava morrendo e, até que surgissem outros com o mesmo espírito, demoraria um tempo indeterminado.

Voltei a mirar o carrinho de frutas e também as nuvens à procura das andorinhas. Só via agora urubus, em voos rasantes, levados apenas pelo impulso das asas. Estaria até a natureza desmantelada?

Talvez fosse hora de não me ocupar mais com esses pensamentos. Quem de nós não tinha defeitos? Uma perna menor, as orelhas gigantes, uma ferida na alma ou mesmo uma mácula quase incorrigível?

Estavam explicados o mundo e Aldeia Viva, nem que me perguntassem: “Quem de nós não tem defeitos?”

Mirei o ar. O céu, ajumentado de urubus. Respirei como o toque do relógio de parede na sala e pus as mãos no nariz, retornando ao interior do lar. No longo corredor, à minha frente, avistei o velho objeto de estimação. Sete passos curtos e ligeiros. Sentei-me na cadeira de balanço, o espaguete estragado cedeu e comecei a me balançar, já me acalmando do descontentamento:

— Que calor! Não venta mais nem o sopro que espanta mosquito!

À sensação de sufocamento, que se desfazia no clima da manhã, seguiu-se o alívio leve de uma certeza:

— O povo bota! O povo tira!

E, suspenso na minha imaginação, o riso veio fácil:

— Oh beleza! Oh, beleza!

Complementei o ânimo na lembrança de tantos momentos:

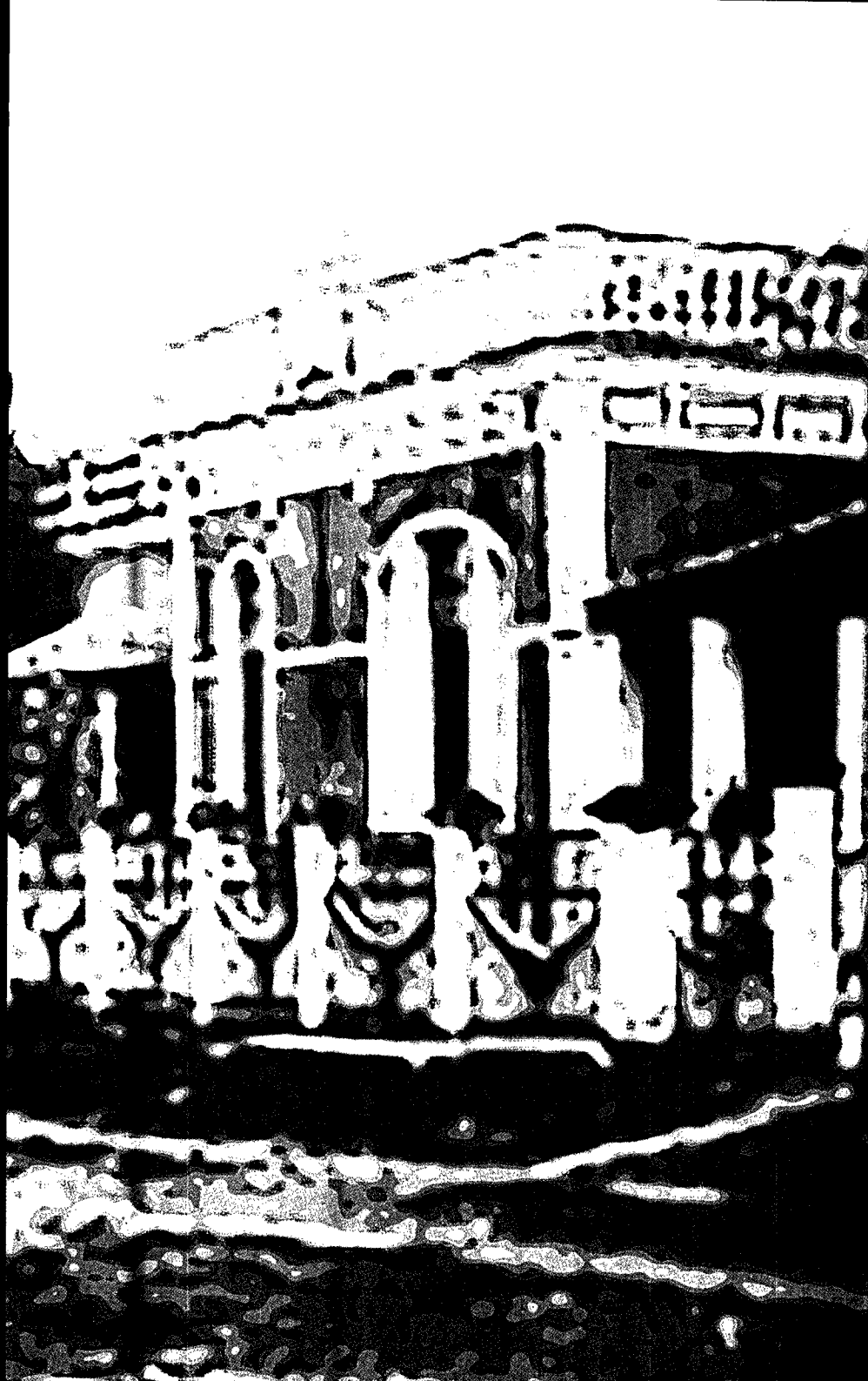
— Nem que tudo termine em passeata.

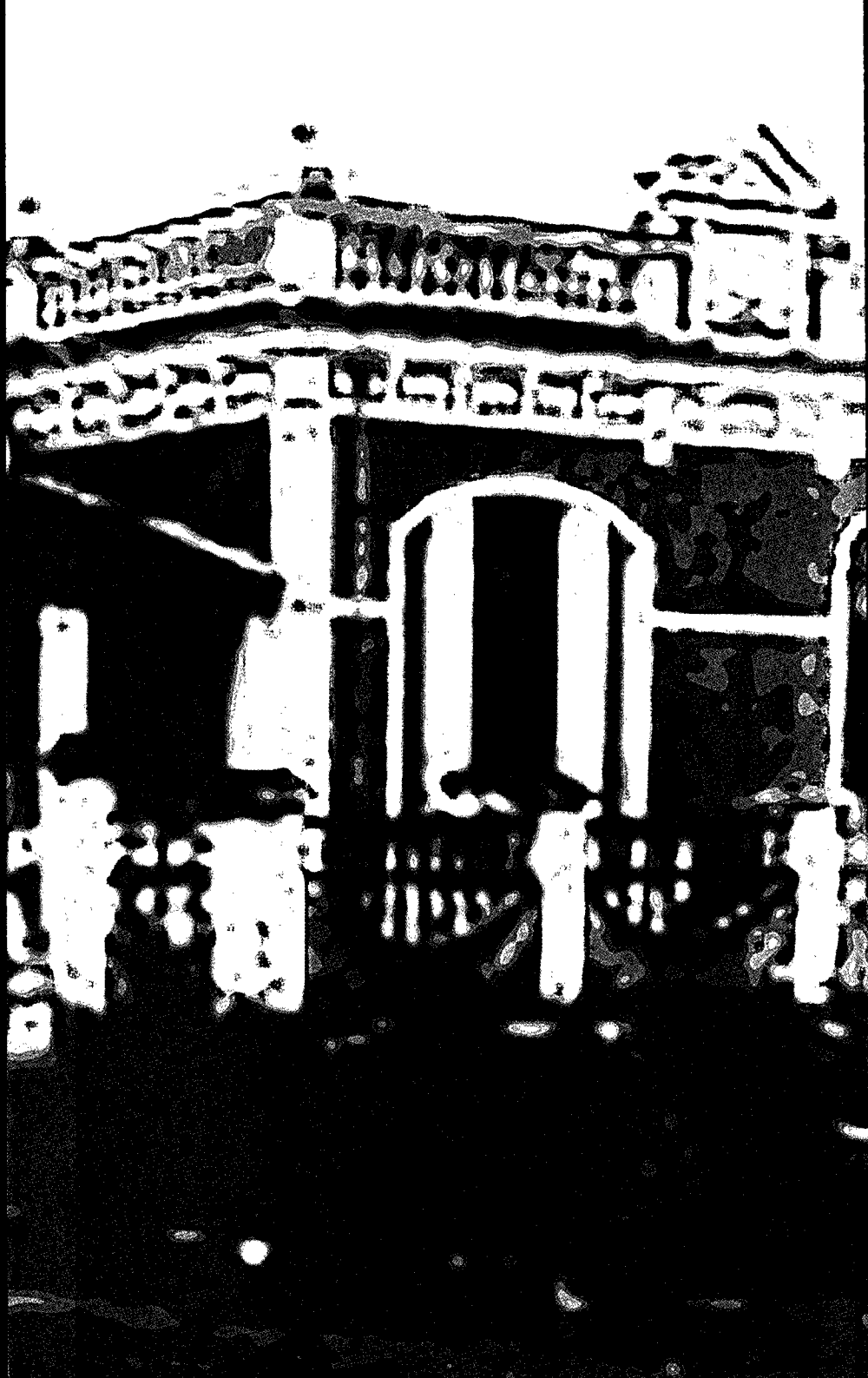
Apertei a mão direita contra o nariz, o mau cheiro impregnado na pele do chão, e repeti: “Nem que tudo terminasse mesmo em passeata”.

Procurei meu relógio de pulso, disposto, após o banho, na mesinha da sala. A vista, borrada pelo céu sujo de Aldeia Viva, inquietou-se de um lado a outro da caixa ocular. No piso, o objeto, há tanto tempo funcionando impecável, caído não sei de que modo, não resistiu e espatifou-se. Pensei na gente do relojoeiro Virgulino, na gente do pedreiro Januário e em minha própria gente, espalhadas pelo mundo como as peças do relógio, sem conserto, dividas no chão. Quanto tempo ainda tinha?

Procurei as andorinhas no céu. Urubus, urubus:

— Pilantras! Bando de Pilantras!





CAPA Supremo 250g/m²
MIOLO Off-Set 75g/m²
FONT Dalliance OT e Electra LT Std
EDITORA Nova Aliança
IMPRESSÃO Halley S.A. Gráfica e Editora
Impresso No Brasil

Ao valorizar personagens como o vigia, o relojoeiro, o pedreiro e principalmente o professor e jornalista aposentado, figuras de menor prestígio social no dia a dia do lugarejo ou insignificantes nas esferas de poder, vai o narrador, em linguagem cercada de fragmentação e digressões, expondo os interesses obscuros que movem a dinâmica social e, ironicamente, mergulhando o leitor na perplexidade e indignação do tempo presente.

Fundindo crônica, conto e novela, o autor subverte a classificação trivial dos gêneros textuais, a fim de projetar a memória como elemento determinante dos núcleos dramáticos. Ao agir assim, possibilita a criação de ritmo próprio para a escritura, ritmo que se confunde com as vivências e percepções do próprio leitor, convocado a construir analogias a partir da abundante utilização dos tropos, a qual faz do passeio pela linguagem agradável e divertido jogo com as crenças, os comportamentos e as atitudes do leitor.

DÍLSON LAGES MONTEIRO é autor de 14 obras publicadas. Escreve poema, conto, novela, crônica memorialística, ensaio acadêmico e texto didático. Professor, desde 1993, com atuação na área de linguagens, ocupa a cadeira 21 da Academia Piauiense de Letras. Mantém na web, desde 2002, o Portal Entretextos (www.portalentretextos.com.br). Vive em Teresina-PI.

Para além de um retrato social das pequenas cidades brasileiras, para além, pois, da dimensão política que dá sustentação ao texto, *Capoeira de Espinhos* é novela cujo investimento na linguagem revela-se como traço evidente desde as primeiras linhas. Embora todo o texto circule em torno das instâncias de poder, o que vigora é o liame da preocupação social ao lirismo e à sátira. Vigora um narrador protagonista que busca reinserir-se na paisagem afetiva e, para isso, reage às provocações do espaço, ora com melancolia, ora com revolta, mas principalmente com graça.

ISBN 978-85-9538-004-2



9 788595 380042



NOVA ALIANÇA

EDITORA